



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Rádio local, participação e identidade da diáspora açoriana

Sara Isabel Cabral Valente

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador:
Doutor José Soares Neves, Professor Associado
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2025



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Sociologia

Rádio local, participação e identidade da diáspora açoriana

Sara Isabel Cabral Valente

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador:

Doutor José Soares Neves, Professor Associado
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2025

Para os emigrantes açorianos que procuram transformar a ausência em presença, como a viola de dois corações: um coração que parte, mas o outro nunca deixa de pulsar na ilha.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero expressar a minha gratidão ao meu orientador, que mesmo consciente do desafio que seria orientar à distância, esteve sempre disponível e prestável. O seu olhar atento foi fundamental para a concretização desta dissertação. Agradeço à Rádio Asas do Atlântico, em especial à Lucélia Lopes, à Helena Barros e à restante direção, pelo apoio constante e pelo incentivo em concretizar esta tese, tanto durante o período em que colaborei com a rádio, como posteriormente. Um agradecimento à Sandra Chaves e ao Paulo Magalhães, colaborador incansável da estação e da ilha, cuja dedicação é reflexo do trabalho que desenvolve em prol da ilha de Santa Maria. À Micaela Vieira, que passou de colega a amiga, pelo acompanhamento próximo, sugestões e contactos partilhados ao longo deste processo.

Não posso deixar de reconhecer com gratidão o apoio da minha família. Aos meus pais, pelo esforço e dedicação de uma vida inteira, que me permitiram chegar a este momento e que sempre me incentivaram a não desistir. Ao Vasco, pela paciência, presença e visão crítica que tantas vezes ajudou a aperfeiçoar este trabalho. Este percurso académico foi também um capítulo da minha vida: marcou o meu regresso a Santa Maria e, mais tarde, o meu regresso a Lisboa, num caminho que me fez sentir, de forma ainda mais consciente, a minha condição de emigrante açoriana. Ser emigrante é um desafio permanente: é aprender a transformar a saudade em força e a nunca esquecer quem somos (e fomos), mesmo longe da nossa terra. Ser açoriano é, muitas vezes, ser pequeno num mundo tão grande e esta dissertação, de algum modo, procura refletir também esta condição. Por isso, o meu agradecimento vai igualmente para o António e o João, que dedicaram o seu tempo para partilhar como é que ainda se é açoriano depois de alcançar o chamado “American Dream”. A viola de dois corações, um instrumento musical tradicional dos Açores, está intimamente ligada à emigração. Nela, guarda-se um coração que parte e outro que permanece na ilha. Este trabalho nasceu desta ligação invisível, mas indestrutível entre a distância e a pertença, entre a saudade e a identidade.

Resumo

A globalização e a transformação digital aproximaram os emigrantes às suas comunidades de origem através das plataformas online e das redes sociais. No entanto, a rádio, enquanto meio histórico de comunicação, mantém um papel relevante na criação e manutenção de vínculos identitários. É neste contexto que se insere a Rádio Asas do Atlântico, sediada na ilha de Santa Maria, nos Açores: uma rádio local de natureza associativa e sem fins lucrativos, mas com alcance global.

A presente dissertação analisa o papel da rádio local como meio de comunicação comunitária e instrumento de preservação da identidade açoriana na diáspora, com destaque para o programa *Bom Dia, Açores*, marcado por uma forte componente participativa. Reflete-se ainda sobre a possibilidade de categorização da estação como rádio comunitária, apesar da ausência de legislação aplicável em Portugal.

Metodologicamente, seguiu-se uma abordagem qualitativa, baseada na análise de conteúdo das emissões de janeiro de 2025 e em entrevistas a locutores, colaboradores, responsáveis da rádio e ouvintes da diáspora. Os resultados demonstram o papel central da Rádio Asas do Atlântico na manutenção de uma comunidade imaginada que ultrapassa fronteiras geográficas, reforçando a sua natureza comunitária.

Palavras-chave: diáspora açoriana; rádio comunitária; açorianidade; identidade; cultura; comunidades imaginadas.

Abstract

Globalization and digital transformation have brought emigrants closer to their communities of origin through online platforms and social networks. Nevertheless, radio, as a historical media, continues to play a central role in the creation and maintenance of identity bonds. Within this framework stands Rádio Asas do Atlântico, based on Santa Maria Island, Azores: a local, non-profit associative radio station with global reach. This dissertation examines the role of local radio as a medium of community communication and as an instrument for preserving Azorean identity within the diaspora, with a particular focus on the *Bom Dia, Açores* program, characterized by strong participatory engagement. It further reflects on the possibility of classifying the station as a community radio, despite the absence of specific legal recognition for this category in Portugal. Methodologically, this study adopts a qualitative approach, combining content analysis of broadcasts aired in January 2025 with interviews with radio hosts, collaborators, radio managers and diaspora listeners. The findings highlight the central role of Rádio Asas do Atlântico in sustaining an imagined community that transcends geographical boundaries, reinforcing its community-orientated nature.

Keywords: azorean diaspora; community radio; *azoreanity*; identity; culture; imagined communities.

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Introdução	1
Capítulo 1. Revisão da literatura	3
1.1. A diáspora e a comunicação nas comunidades migrantes	3
1.2. Rádio local e rádio comunitária como vozes da comunidade	4
1.3. A comunidade açoriana nos Estados Unidos da América	11
1.4. Rádio Asas do Atlântico	15
Capítulo 2. Metodologia	19
Capítulo 3. Discussão dos resultados	23
3.1. Estrutura e função do programa	23
3.2. Publicidade	24
3.3. Serviço público no <i>Bom Dia, Açores</i>	25
3.4. Participação e comunidades imaginadas	26
3.5. A Rádio Asas do Atlântico enquanto rádio comunitária	29
3.6. A açorianidade no <i>Bom Dia, Açores</i>	30
3.7. O papel do locutor em programas participativos	33
Conclusões	37
Referências bibliográficas	41
Anexos	45
Anexo A – Grelha de programação da Rádio Asas do Atlântico	45
Anexo B – Programas <i>Bom Dia, Açores</i> de 2 a 10 de janeiro de 2025	46
Anexo C – Repertório do <i>Bom Dia, Açores</i> de 2 a 10 de janeiro de 2025	47
Anexo D – Guiões das entrevistas	48
Anexo E – Transcrição das entrevistas	52

Índice de figuras

Figura 1 – Preferências no acesso da comunidade para a sua rádio	9
Figura 2 – Repertório do <i>Bom Dia, Açores</i> de 2 a 10 de janeiro de 2025 por frequência de género musical	32

Índice de tabelas

Tabela 1 – Principais características das rádios comunitárias	5
Tabela 2 – Fluxos de emigração açoriana	13
Tabela 3 – Estrutura do <i>Bom Dia, Açores</i> por segmento, frequência, descrição e duração aproximada	23
Tabela 4 – Blocos publicitários por horário	24

Introdução

A diáspora açoriana constitui uma das mais expressivas comunidades migrantes portuguesas, marcada por sucessivas gerações que se estabeleceram em países como os Estados Unidos da América (EUA) e o Canadá. Estes contextos migratórios, outrora limitados pela distância e por formas desusadas de comunicação, tornaram-se hoje permeáveis a uma participação ativa em programas radiofónicos, graças à internet e à radiodifusão online. Este fenómeno, que Alonso e Oiarzabal (2010) designam como “diáspora digital”, permite que os emigrantes mantenham uma ligação diária às ilhas de origem, recriando laços identitários à distância.

No caso particular da ilha de Santa Maria, a emigração assume um peso significativo, dada a reduzida dimensão populacional (cerca de 5 mil habitantes) e o seu isolamento geográfico. É neste contexto que surge a Rádio Asas do Atlântico (RAA), uma das valências do Clube Asas do Atlântico (CAA), uma associação sem fins lucrativos fundada em meados do século XX. Esta rádio distingue-se não apenas por ultrapassar a escala insular, alcançando ouvintes em São Miguel e nas comunidades emigrantes, mas também pela sua estrutura organizativa. Assente em práticas tradicionais de uma rádio participativa, como os programas de “discos pedidos”, e baseada em informações necessárias à comunidade, encontra-se materializada no *Bom Dia, Açores* (BDA), um programa que conta já com cerca de cinco décadas de existência. A ausência de uma estrutura programática rígida e a sua natureza associativa favorecem uma relação de proximidade com a comunidade, diferenciação que não se verifica em rádios locais de natureza empresarial.

O formato participativo do BDA promove diariamente a interação entre ouvintes e emigrantes, que utilizam o espaço radiofónico para comunicar e partilhar rotinas com amigos e familiares, onde, no caso dos emigrantes, permitem sentir-se próximos da sua terra natal. Este dinamismo insere-se nas reflexões de Stuart Hall (2003), que entende a identidade como um processo de renegociação constante, sobretudo em contextos migratórios, e de Benedict Anderson (2006), que define o seu conceito de “comunidades imaginadas” como coletivos que se reconhecem como parte de um todo sem necessidade de presença física.

A rádio, neste caso, constitui um desses espaços simbólicos, onde símbolos partilhados através da voz, música, tradição e outros rituais reforçam laços de pertença e de continuidade cultural que sobrevivem ao tempo e à distância. Assim, procura-se compreender como é que a RAA reforça a identidade açoriana no seio das comunidades migrantes.

Verifica-se ainda uma escassez de investigações centradas na Comunicação Social açoriana, particularmente no que respeita às rádios locais, apesar dos contributos académicos sobre as comunidades migrantes. Acresce a inexistência de enquadramento legal para rádios comunitárias em Portugal, apesar dos contributos de Taborda e Pestana (2023), que discutem o papel destas rádios na promoção da participação cidadã, e de Martins (2021), que identificou 21 rádios de cariz comunitário em território português. Neste cenário, importa questionar de que forma a RAA, sustentada pela sua comunidade, pode ser pensada para além da categoria de rádio local. Esta designação revela-se demasiado ampla, não distinguindo entre rádios de natureza privada empresarial ou associativa, como é o caso da rádio em análise, que depende do envolvimento ativo da comunidade para assegurar a sua sobrevivência, para além da ausência de autossuficiência financeira.

O objetivo central da investigação é compreender o papel da RAA e do programa BDA na preservação da identidade açoriana junto da diáspora. Para tal, propõe-se analisar a estrutura e as funções do programa, os padrões de participação de audiência e os elementos culturais açorianos presentes nas várias emissões, bem como perceber de que forma o locutor intervém num formato fortemente participativo e interativo. Paralelamente, procura-se examinar a estrutura da própria RAA e do CAA, para compreender em que medida o seu funcionamento a aproxima do modelo de rádio comunitária. Este estudo contribui não apenas para a área da Comunicação açoriana, mas também para os estudos de Identidade e Cultura em contextos migratórios, reforçando a importância da rádio açoriana como espaço de ligação entre um arquipélago e os diferentes continentes onde se encontram comunidades dispersas.

Do ponto de vista metodológico, a investigação assenta numa abordagem qualitativa, integrando a análise de conteúdo de programas, documental e entrevistas. Foram examinadas emissões do BDA e realizadas entrevistas a ouvintes da diáspora, a um colaborador da RAA, à locutora do BDA e à direção da rádio, complementada por notas de observação participante.

Esta triangulação de dados permitiu compreender de forma mais densa as dinâmicas de participação e preservação identitária.

A estrutura da dissertação apresenta-se da seguinte forma: o Capítulo 1 ilustra o Enquadramento Teórico, dividido entre a diáspora, rádio local e comunitária, RAA e o BDA. O Capítulo 2 expõe a forma como se procedeu à recolha, tratamento e análise de dados, discutindo-os no Capítulo 3 e apresentando na Conclusão os contributos, reconhecendo ainda as limitações e mencionando sugestões futuras.

Revisão da literatura

1.1. A diáspora e a comunicação nas comunidades migrantes

Conceito de “diáspora”

A diáspora designa a dispersão de comunidades a partir de um território de origem, motivada por razões forçadas ou voluntárias, sem romper totalmente com os laços afetivos e culturais desse território (Cancian, 2007). Para autores como Giddens (2005), a diáspora é descrita como a dispersão de uma população étnica unida por uma identidade comum e memórias partilhadas. Já Bonnici (2004, como citado em Cancian, 2007), relembra que o termo deriva do grego *diasporen* (“semear ao longe”), expressando a ideia de que as raízes persistem, mesmo que à distância.

Mais do que uma condição meramente geográfica, a diáspora deve ser entendida como uma experiência social e subjetiva complexa, frequentemente atravessada por sentimentos de desenraizamento, perda de referências culturais e necessidade de reinvenção identitária. De acordo com Elhajji e Balthazar (2013), a condição diaspórica ultrapassa os limites da migração enquanto fenómeno demográfico, exigindo uma abordagem que considere as dimensões históricas, culturais e emocionais que moldam a sua vivência neste novo território.

Identidade e pertença na diáspora

A construção da identidade cultural nas comunidades diaspóricas é profundamente marcada pelo cruzamento de referências culturais e pela necessidade de pertença.

Cancian (2007) observou que, mesmo após a migração, tradições como a língua e religião permanecem como vínculos simbólicos com a terra de origem. Stuart Hall (2003), por sua vez, propõe uma abordagem dinâmica da identidade, concebendo-a como um processo inacabado e sempre em transformação, onde os sujeitos negociam as suas múltiplas posições culturais. Enquanto Hall enfatiza a fluidez e o conflito identitário, Smith (1986) destaca a estabilidade oferecida pelos símbolos partilhados que reforçam o sentimento de pertença e memória coletiva. Benedict Anderson (2006) introduz o conceito de comunidades imaginadas, onde o sentimento de comunhão emerge da partilha de representações mediadas (como a imprensa ou a rádio), permitindo a coesão simbólica mesmo sem o contacto direto entre os membros da comunidade.

Comunicação na diáspora

A comunicação é nuclear na constituição e manutenção das comunidades diaspóricas. Alonso e Oiarzabal (2010) cunharam o fenómeno de “diásporas digitais” para descrever a forma como a internet aproxima migrantes e reforça as redes identitárias. Georgiou (2013) sublinha que a diáspora deve ser entendida como um fenómeno de mobilidade e (re)assentamento, num mundo ligado por fluxos de informação e de redes. Neste contexto, os media (tradicionais e digitais) tornaram-se espaços privilegiados de expressão, resistência e negociação identitária. As comunidades migrantes desenvolvem linguagens próprias e formas específicas de apropriação dos media, criando conteúdos que respondem às suas experiências e necessidades (Patiño-Santos, 2021).

Importa considerar também a dimensão ritual da comunicação, proposta por James Carey (1989). No seu entendimento, comunicar não se limita a transmitir informação a longas distâncias, mas corresponde sobretudo a um ritual de partilha e comunhão, em que práticas repetidas confirmam pertenças e valores coletivos. Esta abordagem permite compreender como a participação mediada pode funcionar como mecanismo de manutenção comunitária ao longo do tempo.

1.2. Rádio local e rádio comunitária como vozes da comunidade

Rádio local e a função comunitária: distinções e convergências

Em Portugal, a legislação em vigor reconhece a existência de rádios de âmbito local (Lei n.º 54/2010, de 24 de dezembro)¹, mas não contempla juridicamente a categoria de rádio comunitária, ao contrário do que se sucede noutros países (Ribeiro, 2014; Cádima, 2019). Esta ausência de estatuto legal, contudo, não impede que muitas rádios locais, sobretudo em regiões ultraperiféricas, onde os Açores se encontram enquadrados de acordo com a União Europeia, desempenhem um papel social análogo ao das rádios comunitárias, ao funcionarem como veículos de representação cultural e de participação cívica.

Fraser e Estrada (2001), definem a rádio comunitária como um meio sem fins lucrativos, gerido pela comunidade, com programação voltada para os interesses e necessidades da população. Esta distinção é sistematizada na Tabela 1, onde Taborda e Pestana (2023) argumentam que a linha que separa os dois modelos é pouco nítida, já que muitas rádios locais adotam objetivos semelhantes.

¹ Lei da Rádio. https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=1293&tabela=leis

Em Portugal, algumas rádios locais têm conseguido contornar as limitações legais ao adotarem práticas próximas destas estruturas, promovendo a participação de cidadãos e organizações da sociedade civil (Correia, Vieira & Aparício, 2019).

Tabela 1 - Principais características das rádios comunitárias

Característica Geral	Aspetos específicos das características	Autores
Propriedade	Detidas por um grupo de cidadãos	
	Pode ser uma fundação, associação ou cooperativa	
	Fundações e associações comunitárias sem fins lucrativos	
Gestão	Participação ativa e direta da comunidade na gestão	
	Em prol de um benefício comum	
	Através da constituição de conselho comunitário	
Objetivos	Ser detentora de um objetivo comunicacional comum à comunidade	
	Dar voz às minorias	
	Permitir o acesso das minorias sexuais, étnicas, etárias...	
	Proporcionar a inclusão dos voiceless e grupos marginalizados	
	Salvaguardar os Interesses locais e a diversidade linguística	
	Impulsionar a alfabetização	
	Garantir e refletir a diversidade cultural e linguística	
	Proporcionar o desenvolvimento local	
	Permitir ser instrumento de comunicação para o desenvolvimento	
	Sem fins lucrativos	
Receitas	Financiadas por patrocínios e/ou publicidade	Dieng, P. (2013) Fraser, C. & Restrepo, S. (2001) Peruzzo, C. (2009) Zucoloto, V. (2005) NFCB (2016) AMARC (2015) Price, D. & Tacchi, J. (2001) Andie, V. (2006) Paula, P. (2016)
	Financiamento pode vir de doações da comunidade, membros da rádio e/ou do auditório	
	Financiamento Estatal (governos) ou organizações internacionais	
	Financiamento pode advir da organização de eventos de angariação	
	Baixa potência	
Alcance da Emissão	Alcance limitado a raio de 10km	
Conteúdos	Informação ligada à comunidade, quer seja comunidade geográfica, quer seja comunidade de interesses.	
	Pluralidade de programação	
	Programação vinculada à realidade local	
Produtores	Comunicado ativa na criação de conteúdos e na programação	
	Pluralidade de vozes	
	Audiência é protagonista e produtora de conteúdos/ouvinte no papel de emissor	
	Participação ativa da população na programação	
	Uso de voluntários nas emissões	
Formação do STAFF	Workshops de aprendizagem e atividades de contacto	
	Possibilitar o desenvolvimento técnico dos Recursos Humanos	
Acessibilidade	Promoção do processo democrático, através da acessibilidade de todos às emissões	

Fonte: Cádima (2019, p.167)

A natureza da rádio local não está apenas associada à sua área de emissão, mas sobretudo à sua função: “ser acerca de um lugar” (Taborda & Pestana, 2023). O que a caracteriza verdadeiramente é a sua ligação ao território, cultura local e comunidade que serve, oferecendo conteúdos ajustados às realidades e interesses dos seus ouvintes. Esta conceção vai ao encontro da definição proposta por Wahyundi (2011), para quem a rádio comunitária se distingue precisamente por estar enraizada no contexto sociocultural da comunidade que representa.

É importante distinguir entre rádio comunitária enquanto modelo institucional, e programas de rádio comunitários. A rádio comunitária, de acordo com a Associação Mundial de Rádios Comunitárias (AMARC, s.d.), tem como objetivo servir comunidades marginalizadas, promovendo a participação ativa dos ouvintes na gestão, produção e programação da estação. Deve ainda servir a comunidade onde está inserida, não ter fins lucrativos, promover a expressão cultural e garantir a participação dos cidadãos nos conteúdos e na gestão. Esta abordagem, enraizada na comunicação para o desenvolvimento, valoriza a produção de conteúdos por cidadãos comuns como forma de empoderamento coletivo (Bamigboye, Osunkunle, 2021). Por outro lado, programas de rádio comunitários podem existir em emissoras que não seguem integralmente o modelo comunitário, mas que, através de conteúdos direcionados, linguagem local e foco em necessidades específicas da audiência, promovem igualmente a inclusão, representação e participação (Rastogi & Suryavanshi, 2024). Nestes casos, a função comunitária está presente ao nível programático, mesmo que não esteja sustentada por uma estrutura de gestão comunitária.

Em Portugal, de acordo com investigadores da Escola Superior de Educação de Viseu, foram identificadas e caracterizadas 21 emissoras de cariz comunitário (Martins, 2021). Estas rádios, dinamizadas por voluntários, em linha com a prática internacional, diferenciam-se pelo acesso às comunidades. Em vez de ser livre e aberto, como em muitos modelos internacionais, o acesso em Portugal está condicionado por fatores técnicos como necessidade de domínio de software, capacidades vocais ou aprovação prévia de guiões de programa (Martins, 2021).

Rádio local como meio de participação e serviço público

A participação dos ouvintes tem evoluído paralelamente ao desenvolvimento tecnológico. Se num primeiro momento, as cartas constituíam o principal meio de contacto com as emissoras, a introdução do telefone permitiu pela primeira vez incorporar a voz dos ouvintes em direto, o que transformou radicalmente a dinâmica da emissão radiofónica (Jiménez & Velasco, 2011). Programas como as “antenas abertas”, os “discos pedidos” ou as “saudações”, permitiram desenvolver formatos interativos que fortaleceram a união entre locutores e público (Cordeiro & Paulo, 2014). A rádio, neste contexto, deixa de ser apenas um canal de emissão e passa a configurar-se como uma plataforma de diálogo, à qual Gutiérrez e Castillo (2011) denominam o ouvinte como *prosumer*, na medida em que se torna consumidor e produtor em simultâneo.

A dimensão de serviço público da rádio local é também manifestada pela informação utilitária e da sua função informativa de natureza jornalística e prática, envolvendo noticiários, eventos comunitários, campanhas de saúde ou informações meteorológicas. Esta utilidade pública tem uma importância ainda maior por preencher lacunas de comunicação que os meios nacionais não conseguem colmatar (Direção de Serviços de Emigração, 1995).

Gumucio Dagron (2005) reforça a ideia de que a sustentabilidade de uma rádio de carácter comunitário depende não só do seu equilíbrio económico, mas sobretudo da apropriação social. A rádio que promove a participação ativa e o envolvimento da comunidade cumpre o seu papel enquanto mediadora entre os cidadãos e o espaço público, contribuindo assim para o exercício da cidadania e construção de comunidades coesas e informadas. A rádio local, enquanto meio de comunicação de proximidade, assume uma dupla função: participação ativa e serviço público, sendo uma combinação que confere uma importância insubstituível no ecossistema mediático local.

A rádio local, desde as suas origens em Portugal, tem estado intrinsecamente ligada à ideia de participação democrática e serviço público. Surgidas após o 25 de Abril de 1974, as rádios locais foram impulsionadas pelo contexto pós-revolucionário que valorizava a liberdade de expressão e a necessidade de espaços alternativos de comunicação (Bonixe, 2012).

Rádio local como ferramenta identitária e “lugar de memória”

A rádio local não se limita a informar: ela preserva e reforça a identidade cultural da comunidade que serve. Nora (1989) distingue entre memória e história, sublinhando que a memória vive na experiência afetiva e nas práticas partilhadas. Neste contexto, a rádio local pode ser entendida como um “lugar de memória”, onde se armazenam vozes, sotaques, sons e rituais coletivos.

Do ponto de vista da memória cultural, a rádio também está inserida no campo das “memórias mediadas”, conforme Assmann enuncia (2008, como citado em Fölmer & Badenoch, 2018). As gravações, arquivos sonoros e formatos preservados digitalmente permitem transportar recordações através do tempo e espaço, servindo como instrumentos de orientação coletiva.

No contexto português, a pertinência da rádio local para as comunidades é também corroborada por dados empíricos. A título de exemplo, a Figura 1 ilustra a perceção da população portuguesa em relação à necessidade de uma rádio local para o acesso a conteúdos de proximidade de acordo com o estudo de Taborda e Pestana (2023). Os resultados revelam uma valorização significativa deste meio, sobretudo no que respeita à informação local, ao património cultural e à promoção de espaços de participação.

Este resultado é igualmente pertinente quando aplicado ao contexto migratório. Desde 1920 que a rádio tem sido uma ponte entre os Açores e as comunidades emigrantes. Programas como *Vasco da Gama*, *Jardim dos Açores* ou *Vozes da Lusitânia* combinavam música, notícias e mensagens familiares, promovendo uma sensação de continuidade afetiva e linguística (Direção de Serviços de Emigração, 1995).

A música torna-se num elemento fundamental na construção identitária radiofónica, em que autores como Fölmer e Badenoch (2018) defendem que a música tem o poder de atravessar fronteiras e, ao mesmo tempo, conservar um valor nostálgico para comunidades específicas.

Além da música, os locutores desempenham igualmente um papel crucial. As vozes familiares, que acompanham o quotidiano dos ouvintes, ajudam a criar uma sensação de continuidade e intimidade. Savage e Spence (2014) referem-se a esta relação como uma forma de interação parassocial, na qual os ouvintes desenvolvem laços de confiança e reconhecimento com os profissionais de rádio.

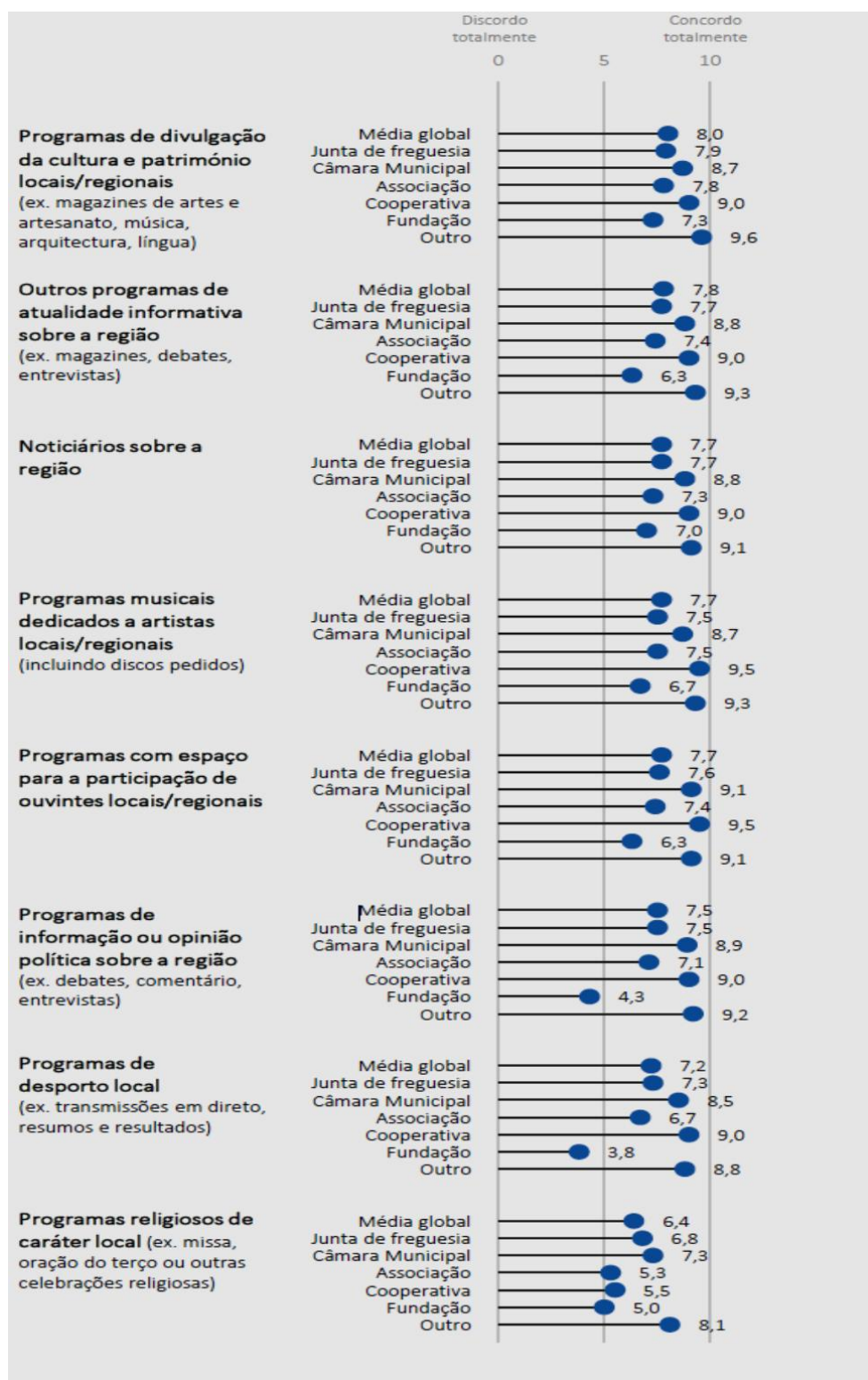


Figura 1 - Preferências no acesso da comunidade para a sua rádio.

Fonte: Taborda, M. e Pestana, H. (2023, p.45)

A reflexão pioneira de Horton e Wohl (1956) sobre a interação parassocial mostrou como ouvintes e espetadores desenvolvem laços de intimidade com figuras mediáticas, sentindo-as como parte do seu círculo social. Esta abordagem, posteriormente aprofundada em diferentes contextos, mantém atualidade no estudo das relações entre locutores de rádio e a sua audiência, ajudando a explicar vínculos de confiança e proximidade.

Também os estudos dos afetos contribuem para esta análise. Ahmed (2004) defende que as emoções não devem ser entendidas apenas como reações individuais, mas como forças sociais que circulam, ligam sujeitos e consolidam pertenças coletivas.

Deste modo, a rádio local assume-se como uma verdadeira ferramenta de resistência cultural, capaz de afirmar a diversidade, preservar a memória coletiva e reforçar os laços que mantêm coesa uma determinada comunidade. Num tempo de globalização e homogeneização mediática, o seu papel torna-se ainda mais vital como espaço de singularidade e expressão local.

Rádio local na era digital

A transição da rádio tradicional trouxe desafios e oportunidades que transformaram profundamente o funcionamento e alcance das rádios locais. Longe de significar o fim da rádio, a era digital permitiu à rádio local reinventar-se, adotando novas linguagens e formatos, alargando o seu público e fortalecendo a sua função comunitária (Oliveira & Ribeiro, 2015). A internet, inicialmente encarada como uma ameaça, tem atualmente uma forte componente estratégica (Araújo, 2018). As aplicações móveis, redes sociais e *chats* integrados nos *websites* das rádios transformaram o ouvinte num sujeito ativo que pode intervir, criticar, sugerir e até participar na construção da grelha de programação (Silva, Colussi & Rocha, 2018). Esta relação comunicacional é agora horizontal, interativa e democrática.

Do ponto de vista da sustentabilidade, as rádios comunitárias enfrentam desafios significativos. Gumucio Dargon (2005) ressalva que, além do equilíbrio económico, a sustentabilidade social (baseada na participação) e a institucional (dependente de quadros legais e gestão transparente) são fundamentais. As tecnologias digitais podem contribuir para essa sustentabilidade ao reduzir custos, expandir a audiência e permitir modelos colaborativos de desenvolvimento (Correia, Vieira & Aparício, 2019).

A digitalização intensificou a relação entre comunidades locais e a diáspora. Através do *streaming*, os emigrantes mantêm o acesso às emissões da sua terra natal, reforçando o sentimento de pertença (Wahyundi, 2011).

A rádio transforma-se num “porto digital” das comunidades migrantes, servindo como canal de circulação cultural e afetiva num mundo transnacional (Boyd, 2010, como citado em Wahyundi, 2011). Além disso, o ambiente digital contribui para reforçar o papel das rádios locais enquanto espaços de afirmação cultural. Fölmer e Badenoch (2018) referem que os arquivos radiofónicos funcionam como veículos de memória, possibilitando o acesso e a partilha de conteúdos que perpetuam as identidades, eventos e experiências. Estes arquivos, que combinam voz, música e narrativa, são instrumentos importantes para a construção da memória cultural das comunidades e para a sua disseminação em contextos globalizados.

As rádios locais passaram a desempenhar funções complementares, de extensão e de alternativa à emissão tradicional ao colocar os seus conteúdos nos seus *sites* e redes sociais como o Facebook e o X (antigo Twitter) (Bonixe, 2011). As notícias podem agora ser aprofundadas, acompanhadas de conteúdos multimédia e atualizadas em tempo real, permitindo aos ouvintes um acesso mais diversificado e completo à informação. Este modelo de convergência amplia o papel da rádio como mediadora de conteúdos locais num ambiente mediático em rede. A rádio encontra-se num contexto de “radiomorfose”, em que se confronta com a necessidade de se adaptar a novas linguagens e de preservar os seus traços identitários: a voz, o som, o silêncio e a ligação emocional com os ouvintes (Oliveira & Ribeiro, 2015). A rádio local na era digital reafirma-se como um meio de proximidade, agora com fronteiras ampliadas. Conectada a comunidades locais, mas enraizada no território, ela é simultaneamente memória, serviço, participação e cultura acessível em qualquer lugar e a qualquer momento.

1.3. A comunidade açoriana nos Estados Unidos da América

O conceito de insularidade

Os Açores têm uma longa história de emigração. Destinos como as Bermudas, Brasil, Canadá e EUA, são os que mais se destacam pela sua forte presença de açorianos. Apesar dos EUA serem considerados como destino preferencial a partir de meados do século XIX, o Canadá tornou-se no destino de eleição das opções dos emigrantes açorianos, cujo movimento migratório tem início em 1953².

² Dados oficiais de acordo com o portal Governo dos Açores (s.d.). <https://portal.azores.gov.pt/web/drcomunidades/emigrantes-azores>

Em ilhas mais pequenas, como Santa Maria, a emigração impactou a estrutura demográfica, traduzida no envelhecimento da população, devido à saída significativa de jovens adultos em idade ativa. Por outro lado, nas ilhas de maior dimensão, este impacto tende a ser menos visível pela maior retenção populacional e maior atividade económica. Ainda assim, existe um traço comum a todas as nove ilhas do arquipélago: o isolamento geográfico, denominado “insularidade” por Lalanda (2010), onde descreve o impacto da distância que as barreiras naturais das ilhas assumem em aspetos económicos e sociais da região. A insularidade apresenta elementos como: fronteira natural, a rutura comportamental para ultrapassar fronteiras e a garantia da coesão territorial e social.

O arquipélago dos Açores é constituído por uma diversidade de situações geográficas, onde as nove ilhas distam de vários quilómetros umas das outras (distância interna), e em relação ao Continente (distância externa), permitindo medir assim o grau de insularidade. As diferentes ilhas criam espaços específicos de oportunidade, tendo em conta os seus diversos contextos socioeconómicos. Quanto maior for a ilha em termos dimensionais, menor será a sua insularidade. O único caso excecional encontra-se no Pico, tendo em conta a sua morfologia montanhosa. Das ilhas com menor insularidade, destaca-se São Miguel e Terceira, das ilhas com maior insularidade, constata-se o Corvo, a Graciosa e Santa Maria, correspondentes às ilhas com menor área do arquipélago (Lalanda, 2010).

História da emigração açoriana

A história da emigração açoriana é marcada por diversas fases, com variações de intensidade consoante os contextos socioeconómicos e políticos de Portugal e dos países de destino. O fenómeno ganhou especial relevo a partir dos anos 1950, com destaque para os fluxos em direção aos EUA e Canadá, que atingiram contornos significativos na conjuntura dos movimentos populacionais de saída do arquipélago (Rocha, Ferreira & Mendes, 2011).

Entre 1950 e 1960, saíram dos Açores cerca de 31 mil indivíduos, mais do triplo registado nos anos de 1930 e 1940 (Rocha, Ferreira & Mendes, 2011). Entre 1960 e 1985, emigraram dos Açores 160.247 pessoas, o que representava, em 1985, 63,2% da população residente, configurando um verdadeiro êxodo populacional (Direção de Serviços de Emigração, 1989). De destacar dois períodos de intensidade: entre 1966 e 1969, impulsionado pela abertura das fronteiras nos EUA e Canadá e, em 1974, após o 25 de Abril, com o contexto de instabilidade política em Portugal (Direção de Serviços de Emigração, 1989).

Além disso, políticas como o *Azorean Refugee Act*, aprovada pelo Congresso dos EUA entre 1958 e 1960, por iniciativa do senador John F. Kennedy, foi crucial ao permitir a entrada legal de milhares de açorianos afetados pela erupção do Vulcão dos Capelinhos, no Faial. Este programa, de cariz humanitário, autorizou inicialmente a entrada de 1.500 refugiados, onde em 1960 já tinham migrado para os EUA 4.811 (Anacleto, 2002). A partir de 2001, verifica-se uma diminuição acentuada da emigração, com os anos seguintes a registarem números na ordem dos 200 emigrantes por ano (Rocha, Ferreira & Mendes, 2011), e um desvio dos destinos tradicionais, passando as Bermudas a constituir o principal destino da emigração açoriana, embora os EUA mantenham comunidades significativas³.

A evolução destes fluxos pode ser observada na Tabela 2:

Tabela 2 - Fluxos de emigração açoriana

Períodos	Nº estimado de emigrantes	Fatores	Destinos principais
1950-1960	31.000	Melhoria de condições de vida	EUA, Brasil, Canadá
<i>Azorean Refugee Act</i> (1950-1960)	4.811	Erupção do Vulcão dos Capelinhos (Faial)	EUA
1961-1985	160.247	Abertura de fronteiras, 25 de Abril	EUA, Canadá
Desde 2000	200 (por ano)	Migração profissional	EUA, Bermudas

Fonte: Autoria própria, com base em Rocha, Ferreira e Mendes (2011), Direção de Serviços de Emigração (1989) e Anacleto (2002).

A emigração mariense

A ilha de Santa Maria, embora com menor expressão demográfica comparativamente com outras ilhas, destaca-se na história da emigração açoriana pelos elevados índices de saída populacional. Entre 1960 e 1981, Santa Maria registou a mais elevada taxa média de emigração entre as ilhas do arquipélago (Direção de Serviços de Emigração, 1989). Em 1900, a ilha contava com 6.359 habitantes (Monteiro, 2021), número que cresceu significativamente até 1960, ano em que se verificou um êxodo pronunciado, coincidente com a abertura das fronteiras

³ De acordo com a RTP Notícias (2007).

para os EUA e o Canadá. Este movimento migratório esteve relacionado com fatores como o encerramento de infraestruturas associadas à aviação e comunicações, bem como com oportunidades criadas pelo *Azorean Refugee Act*, que possibilitou a saída de muitos marienses, apenas da inexistência de dados específicos sobre os beneficiários desta medida (Monteiro, 2021). Mesmo assim, sabe-se que atualmente Santa Maria continua a suscitar interesse, ao ter sido identificada como a ilha mais procurada por cidadãos norte-americanos que pretendem adquirir habitação em Portugal, facto que reflete a sua contínua centralidade no contexto migratório açoriano⁴.

Impacto da emigração na identidade e cultura

Do isolamento físico das ilhas é criado um conceito: a “açorianidade”. Este termo remonta a Vitorino Nemésio numa alusão à condição histórica, geográfica, social e humana do açoriano, tendo em conta a insularidade, que cria nestes a saudade e a ânsia de um dia poder regressar a casa⁵. Este termo passou a ser utilizado após a criação do Governo dos Açores e a institucionalização da autonomia em 1976, sendo proferido por figuras políticas e emigrantes, tornando este termo com carácter ideológico, onde a sua expressão apela à união da identidade açoriana.

A emigração açoriana, para além das suas implicações demográficas, gerou um impacto profundo nas dinâmicas identitárias e culturais do arquipélago e das comunidades no estrangeiro. De acordo com a Direção de Serviços de Emigração (1989), no âmbito do II Congresso das Comunidades Açorianas, a saída massiva de jovens com baixo nível de instrução contribuiu para um alargamento do fosso geracional, afetando o sistema sociocultural açoriano.

Para os emigrantes, o confronto entre o modelo sociocultural de origem e o de acolhimento conduziu, frequentemente, à valorização da preservação de tradições e costumes como forma de manter a ligação com a terra natal. No entanto, esta reafirmação cultural ocorria em contexto de afastamento face à cultura dominante, criando fronteiras culturais dentro das comunidades migrantes.

⁴ Diário dos Açores (2024). <https://diariodosacores.pt/2024/12/04/santa-maria-e-a-ilha-mais-procurada-por-americanos-que-pesquisam-casas-em-portugal/>

⁵ Definição do conceito de açorianidade. Fonte: Enciclopédia Açoriana (s.d.).

Este isolamento tornava-se visível na criação de associações culturais e recreativas, no ensino da língua portuguesa e na manutenção de práticas religiosas (Direção de Serviços de Emigração, 1989; Cabral, 2014). Segundo King e Connel (1999), os emigrantes ilhéus vivem entre “pequenos mundos” e “vidas globais”, mantendo vínculos com as ilhas através de remessas, apoios a associações e redes comerciais. Estas práticas são exemplos de transnacionalismo económico e sociocultural, fenómeno que se manifesta através das diferentes gerações.

Uma das formas de procurar manter a ligação entre conterrâneos e destes com a terra natal está na criação de associações. As associações culturais e as Casas dos Açores nos EUA constituem importantes espaços de salvaguarda e divulgação da identidade açoriana na diáspora. Exemplos como a Casa dos Açores de Hilmar (Califórnia) ou da Nova Inglaterra (Rhode Island), revelam o papel destas organizações na dinamização cultural, social e educativa, onde funcionam como mediadores culturais e como centros de apoio à integração de novos emigrantes (Cabral, 2014). Estas formas organizadas de participação tornam-se verdadeiras personificações da açorianidade na diáspora, assegurando a preservação de uma memória coletiva que resiste à distância e ao tempo.

1.4. Rádio Asas do Atlântico

História

A RAA integra o CAA, uma associação cultural sediada na ilha de Santa Maria. A secção da rádio surge em 1947 com o objetivo de transmitir conteúdos destinados aos associados. Em 1950 foi instalada uma emissão de 80W, que alarga o alcance até São Miguel, evento que marca o início da atividade regular da rádio local (Vasques, 1956).

Com mais de sete décadas de existência, a RAA afirma-se como um símbolo da comunicação e de proximidade em Santa Maria. Atualmente, emite na frequência 103.2 FM e, está também disponível online, o que permite a escuta em tempo real em qualquer lugar do mundo. A sua equipa é composta por duas profissionais: uma radialista e uma jornalista, responsáveis pela produção de conteúdos informativos e de entretenimento. Conta ainda com vários colaboradores locais e fora da ilha, em que nestes, o seu contributo é pontual.

O financiamento baseia-se essencialmente na publicidade de empresas locais, autarquia local e Governo Regional, destinado à comunicação social privada.

Programação

A RAA, enquanto rádio local, opera ao abrigo da legislação portuguesa aplicável à radiodifusão sonora, designadamente a Lei da Rádio, estando sujeita à supervisão da Entidade Reguladora para a Comunicação Social, criada pela Lei n.º 53/2005, de 8 de novembro, que regula e fiscaliza todos os meios de comunicação social em Portugal. É também membro da Associação Portuguesa de Radiodifusão.

A rádio apresenta uma programação generalista, onde abrange conteúdos informativos, musicais e culturais. A grelha inclui blocos de informação com produção própria, espaços de música portuguesa e internacional, programas de entretenimento e rubricas temáticas que refletem o quotidiano da ilha. A diversidade musical é uma marca do canal, que vai do tradicional açoriano ao pop-rock internacional, com particular destaque para a música popular portuguesa e religiosa. A grelha de programação completa em vigor entre março de 2024 e fevereiro de 2025 está disponível no Anexo A.

Bom Dia, Açores

O BDA é o programa mais antigo da RAA. Foi para o ar pela primeira vez a 23 de julho de 1975, com locução de António Valente, uma figura histórica da rádio mariense⁶, mantendo-se até ao seu falecimento em 2015. Desde então, Lucélia Lopes dá continuidade ao legado, conduzindo o programa de segunda a sexta-feira, entre as 8 e as 11 da manhã. A emissão combina notícias, entrevistas, música e, sobretudo, uma forte componente participativa, num modelo que remete para os tradicionais “discos pedidos”.

Informação

O setor informativo da RAA é assegurado pela jornalista Ana Paula Braga, profissional com mais de três décadas de experiência na estação. A produção informativa centra-se, sobretudo, na realidade local e regional, com conteúdos próprios que dão visibilidade a temas da ilha de Santa Maria. Este modelo editorial de jornalismo de proximidade contribui para o reforço do sentimento de pertença e para a valorização dos assuntos insulares no contexto regional açoriano.

⁶ Encontro Nacional de Marienses. *30 anos de Bom Dia Açores*.
<https://web.archive.org/web/20081026110139/http://www.ajism.org/encontro/valente/index.htm>

Conexão com a diáspora

A RAA, através de uma programação sensível às tradições da identidade açoriana, torna-se num elo essencial para aqueles que, embora longe da ilha, mantêm o vínculo às suas origens.

A emissão do programa BDA assume especial destaque neste processo, ao integrar ouvintes que participam a partir de locais como Santa Maria, São Miguel ou das comunidades emigradas na América do Norte, Canadá e Bermudas. As chamadas telefônicas, mensagens nas redes sociais e outros formatos de participação digital permitem a escuta em tempo real, quebrando as barreiras da distância física. Segundo Peruzzo (2010), a rádio comunitária é um instrumento de mediação social e cultural que possibilita a inclusão de vozes silenciadas e a democratização da comunicação, por meio da participação ativa das comunidades nas decisões e nos conteúdos.

Para além desta interação, a rádio participa regularmente nos eventos da diáspora, como os Encontros Marienses organizados pelas Casas dos Açores, sendo convidada, por exemplo, a marcar presença em iniciativas em East Providence (Rhode Island), onde decorreu o último encontro em 2022. Estas participações fortalecem a presença da RAA no imaginário coletivo dos açorianos emigrados, conferindo-lhe o estatuto de referência identitária transnacional.

CAPÍTULO 2

Metodologia

A presente investigação desenvolve-se em torno da RAA, instituição onde a autora manteve atividade profissional entre março de 2023 e fevereiro de 2025 enquanto radialista. Esta ligação direta ao campo de estudo confere uma perspetiva interna sobre o funcionamento da rádio e da sua relação com a diáspora açoriana. Implicou, no entanto, uma postura crítica, no sentido de poder mitigar eventuais enviesamentos e garantir a integridade da análise produzida.

Esta investigação adotou uma abordagem qualitativa, com o objetivo de compreender de que forma a RAA e o programa BDA contribuem para o reforço da açorianidade entre os elementos da diáspora açoriana residente nos EUA. Paralelamente, procurou-se refletir sobre o papel ativo desta rádio na comunidade açoriana, na medida em que a sua missão, funcionamento e programação estão enquadrados com os princípios da rádio comunitária, conforme enunciados na Tabela 1, e tendo em conta a AMARC. A opção por uma abordagem qualitativa justificou-se pela adequação à análise de fenómenos sociais complexos que, como defende Babbie (2013), é especialmente eficaz quando se pretende explorar os significados que os indivíduos atribuem às suas experiências e práticas sociais, relevante na análise da identidade de uma comunidade dispersa.

A investigação orientou-se por duas questões centrais:

- (1) De que forma o programa BDA, da RAA contribui para a manifestação e reforço da identidade açoriana junto da diáspora açoriana nos EUA?
- (2) Como pode a RAA ser interpretada como uma rádio comunitária, considerando a sua estrutura e relação com a comunidade local e diáspora?

A metodologia combinou duas técnicas principais: análise de conteúdo do programa e entrevistas semiestruturadas. Foram analisados 7 programas do BDA, transmitidos entre 2 e 10 de janeiro de 2025, disponibilizados pela RAA. A escuta decorreu em três faixas horárias distintas (8h-10h; 9h-11; 10h-11), de modo a compreender a estrutura fixa e dinâmica do programa. Este procedimento segue a lógica descrita por Bryman (2015, p.9), que reconhece os conteúdos mediáticos (como os programas de rádio) como casos legítimos de análise em investigação social, uma vez que representam fontes significativas de dados não necessariamente centradas em pessoas. O objetivo passou por identificar padrões entre os ouvintes, o locutor e referências culturais que identificam a manutenção dos vínculos com a sua terra de origem como música e expressões locais.

A seleção musical também foi alvo de análise, de forma a compreender o papel da música na mediação da identidade açoriana. Embora a rádio esteja em processo de atualização da base de dados, devido à remodelação dos estúdios em 2024, a observação participante permitiu constatar a presença de um acervo físico e digital constituídos pelos CDs, gravações e ficheiros partilhados pela própria comunidade. Para a identificação das músicas ouvidas na semana em análise, quando não mencionadas pela locutora, recorreu-se à aplicação Shazam e ao YouTube. Este procedimento permitiu também confirmar o respetivo estilo musical, assegurando maior rigor e transparência na caracterização do repertório do BDA. Os dados foram organizados numa grelha de análise temática com categorias como: localização geográfica dos ouvintes, tipos e canais de participação, temas abordados, referências culturais e outras observações relevantes. Esta estrutura permite identificar alguns padrões e organizar a análise interpretativa. Como defende Bardin (2009), a quantificação mínima pode reforçar a objetividade da análise qualitativa, sem a desviar do seu foco interpretativo.

Foram realizadas cinco entrevistas no mês de agosto de 2025. Estas incluem: dois ouvintes marienses emigrados nos EUA (Boston e Califórnia), um colaborador (Paulo Magalhães), a locutora do BDA (Lucélia Lopes) e a diretora da RAA (Helena Barros). As entrevistas aos ouvintes foram realizadas online, através do WhatsApp e Facebook Messenger, gravadas com a aplicação Dictafone do iPhone. As entrevistas presenciais foram conduzidas nas instalações da RAA (locutora) e outras localidades em Vila do Porto, ilha de Santa Maria (diretora da rádio e colaborador). Relativamente à entrevista com a locutora, recorreu-se à gravação através do software para o efeito – Audacity, posteriormente enviada à autora. Todas as entrevistas foram transcritas para posterior análise.

A escolha destes grupos de participantes (ouvintes, equipa e direção da RAA) baseou-se numa lógica de complementaridade: a perspetiva dos ouvintes permitiu aceder aos significados afetivos e identitários; a visão da equipa e colaboradores revelou a forma como produzem e transmitem os conteúdos; e a direção permitiu contextualizar a rádio dentro de uma perspetiva associativista e comunitária. As entrevistas foram conduzidas através de guiões semiestruturados, com perguntas abertas, mas flexíveis, de forma a incentivar a partilha de experiências, sentimentos e perceções pessoais. Este formato permitiu aceder a elementos não previstos, que dificilmente surgiriam num guião estruturado (Quivy, Campenhoudt, 1992).

A escolha destas técnicas responde à necessidade de articular os conteúdos transmitidos com os significados que lhes foram atribuídos pelos intervenientes, numa lógica de triangulação metodológica que reforça a validade e profundidade interpretativa do estudo.

Como nota Pompeii (2015), a combinação entre a audição dos programas, entrevistas e respetivas análises constituíram um método de triangulação qualitativa, que reforça a robustez das conclusões sem comprometer o carácter subjetivo e cultural do fenómeno em estudo. A natureza qualitativa e exploratória deste estudo não tem como objetivo a generalização, mas sim um aprofundamento interpretativo e contextualizado de um caso específico (Geertz, 1973, como citado em Pompeii, 2015, p. 795).

A posição da autora enquanto ex-colaboradora da RAA exigiu particular cuidado nos procedimentos éticos da investigação. Todos os dados utilizados, incluindo entrevistas, grelhas de programação e excertos de emissão foram recolhidos mediante consentimento informado dos participantes e com autorização para utilização dos conteúdos radiofónicos.

Discussão dos resultados

3.1. Estrutura e função do programa

Grelha de programação do *Bom Dia, Açores*

A estrutura do programa BDA demonstra que o formato combina segmentos fixos com espaços de participação espontânea. Entre os blocos regulares, inclui-se: a *Agenda Informativa*, as *Notícias em Primeira Página*, a *Cultura em Movimento* e o *Noticiário* do departamento de Informação da RAA. Adicionam-se espaços dedicados aos ouvintes e aos convidados, como é o caso da reflexão religiosa às quintas-feiras, como se pode observar na Tabela 3.

Tabela 3 - Estrutura do *Bom Dia, Açores* por segmento, frequência, descrição e duração aproximada.

Horário Aproximado	Segmento	Frequência	Descrição	Duração aproximada	Observações
08h05	Agenda Informativa	Diária	Bloco informativo	15 minutos	Informações institucionais e de serviço público
08h30	Notícias em Primeira Página	Diária	Títulos dos jornais regionais, nacionais e desportivos	7-10 minutos	
09h00	Cultura em Movimento	Diária	Destaques mensais/semanais dos eventos culturais em Santa Maria	2 minutos	Parceria com o Município de Vila do Porto
09h05	Abertura das linhas telefónicas aos ouvintes				
10h00	Noticiário	Diária		8-12 minutos	Notícias regionais e locais
10h15	Reflexões com Padre	Semanal	Reflexões sobre excertos da bíblia e agenda das eucaristias em Santa Maria	15 minutos	Este segmento não tem nome oficial, é um espaço solto na emissão

Fonte: Autoria própria a partir de informação da rádio.

A dinâmica de alternância entre estrutura fixa e interativa permite o desempenho de funções complementares e alternativas à emissão tradicional, conjugando entretenimento e informação útil como forma de estender a relação com o público (Bonixe, 2012), constituindo-se o processo de radiomorfose, descrito por Oliveira e Ribeiro (2015) como a nova linguagem de adaptação e preservação dos traços identitários. Ao mesmo tempo, o BDA abre espaço à participação direta, configurando-se como um programa em constante adaptação às necessidades da comunidade. Como sublinha Cordeiro e Paulo (2014), os formatos interativos como as “antenas abertas” ou “discos pedidos” tornaram-se marcas centrais deste tipo de rádio de proximidade, permitindo que os ouvintes se reconheçam como parte da emissão. No BDA, esta característica é visível nos espaços para mensagens ou telefonemas, que prolongam a herança de participação direta e dão à grelha uma dimensão que ultrapassa a estrutura informativa.

3.2. Publicidade

A publicidade surge como parte estruturante do BDA, integrada em blocos regulares que funcionam como marcadores temporais da emissão. Estes intervalos pautam o ritmo entre segmentos informativos e momentos de participação, tornando-se previsíveis para a audiência. Os elementos que constituem a publicidade do programa estão disponíveis na Tabela 4:

Tabela 4 - Blocos publicitários por horário

Publicidades	Horários	Observações
Blocos fixos	08h20, 08h45, 09h25, 09h30, 09h45, 10h20, 10h45	Empresas locais (restaurantes, supermercados, construtoras, oculista), empresas do Grupo Oriental (Transportadora Marítima Parece Machado, ETE Logística, RuiCar)
Institucionais	10h40	Associação de Comércio e Indústria da Ilha de Santa Maria (ACISMA)
Empresas regionais	10h15, 10h25, 10h30	Terapeuta Ricardo Castro (desloca-se para consultas ocasionais em Santa Maria)

Fonte: Autoria própria, a partir de informação da rádio.

A diversidade dos anunciantes revela a diversidade do programa: desde o comércio local (restaurantes, supermercados, oficinas), marcas regionais (Finançor/Pingo Doce, INSCO /Continente) e instituições como a ACISMA. Esta articulação confirma a função da rádio como “espelho da comunidade” (Taborda & Pestana, 2023), ao refletir o ecossistema económico da ilha. A diretora da RAA, Helena Barros, destacou que a própria publicidade contribui para manter a identidade da ilha de Santa Maria, uma vez que promove o que “por lá se faz”. Para além dos blocos, existem *live spots* diários onde a locutora do BDA divulga os pratos do dia dos restaurantes, o peixe disponível na peixaria e os carros em destaque em Santa Maria.

Os blocos publicitários assumem uma função estrutural no programa, onde financiam, estabilizam e organizam a emissão, constituindo a identidade programática do BDA.

3.3. Serviço público no *Bom Dia, Açores*

A dimensão de serviço público da rádio local é manifestada pela informação utilitária e pela função informativa de natureza jornalística e prática, envolvendo noticiários, agendas culturais, alertas meteorológicos e cortes de energia, como é divulgado no BDA.

Este tipo de conteúdos mostra como a rádio local responde às necessidades imediatas da comunidade, sobretudo em territórios periféricos, onde a presença mediática nacional é limitada. Helena Barros reconhece que, sendo a única rádio da ilha, a estação “presta quase um serviço público”. A locutora corrobora esta função, afirmando que “muitas pessoas esperam pelo programa para saber o prato do dia, o peixe, ou os horários do barco e do avião”.

A literatura reforça esta dimensão. Como refere Bonixe (2012), a rádio local em contextos periféricos é alternativa e complementar à emissão nacional, tornando-se indispensável na mediação da vida quotidiana. Já a Direção de Serviços de Emigração (1995) sublinha que rádios locais prestam um serviço informativo e utilitário que dificilmente se encontra em rádios de âmbito nacional.

A Figura 1 vem comprovar as preferências dos ouvintes no acesso da comunidade para a sua rádio. Os dados empíricos recolhidos confirmam as tendências apontadas por Taborda e Pestana (2023), onde a comunidade valoriza a rádio local sobretudo pelo acesso a informação de proximidade, preservação do património cultural e criação de espaços de participação. No caso do BDA, estas dimensões manifestam-se de forma evidente: as notícias sobre transportes ou cortes de energia assumem utilidade prática, e os telefonemas e mensagens transformam a emissão num espaço participativo que transcende as barreiras geográficas.

3.4. Participação e comunidades imaginadas

A participação constitui o elemento distintivo do BDA, onde, ao contrário de uma emissão centrada exclusivamente na figura do locutor, a dinâmica diária apoia-se em mensagens e telefonemas cujas saudações atravessam fronteiras. O Anexo B documenta a diversidade destas intervenções, que vão desde saudações a pedidos musicais, a mensagens de parabéns e votos de melhoras para os ouvintes.

Formatos de participação

A análise das emissões revela que os ouvintes interagem de múltiplas formas, nomeadamente telefonemas em direto e mensagens online. São partilhadas rotinas e notícias pessoais, com dedicatórias musicais ou saudações. Existem ainda rituais coletivos, como os parabéns a aniversariantes, ou votos de recuperação para os participantes do programa. Estes formatos constituem aquilo que Cordeiro e Paulo (2014) identificam como tradições de interatividade radiofónica, com raízes nos programas de “discos pedidos” e “antenas abertas”, adaptadas ao contexto insular e transnacional, pela audição do programa nas comunidades açorianas na diáspora.

Conforme se observa no Anexo B, a maioria dos ouvintes que participam são da ilha de São Miguel, onde predomina a participação por chamada telefónica, o que demonstra a importância do contacto imediato e em direto. A presença de ouvintes marienses que participam no programa é praticamente residual. Esta presença sugere que o BDA se consolidou como um espaço sobretudo para públicos alargados, mais do que exclusivamente locais. A diáspora também se apresenta em número residual, principalmente nos EUA e Canadá. Contudo, são frequentemente mencionados ao longo das emissões, pelo que confere importância à inclusão da comunidade açoriana na diáspora. A sua comunicação ocorre por mensagens através do Facebook Messenger, o que permite uma participação adaptada ao fuso horário e às rotinas migrantes.

De acordo com a locutora, Lucélia Lopes, o padrão de ouvintes do BDA é constituído por várias gerações, incluindo trabalhadores de construção civil, reformados e viúvas, um padrão frequentemente observado nas populações rurais e insulares. É um retrato que confirma o carácter comunitário do programa, dando voz aos diversos grupos nas várias localidades.

Ouvinte como produtor

A participação registada no BDA demonstra que o ouvinte tem um papel que ultrapassa a receção passiva. Como demonstram os registos do Anexo B, a emissão constrói-se em grande parte pelas intervenções do público. É esta participação que dita o rumo da programação diária, tornando o ouvinte num elemento fundamental da própria produção radiofónica.

Neste sentido, o conceito de *prosumer* (Gutiérrez & Castillo, 2011) aplica-se de forma plena. As músicas pedidas, por exemplo, não são apenas escolhas individuais, uma vez que apresentam uma carga simbólica significativa para a emissão, como é o caso das dedicatórias musicais ou músicas de parabéns a outros ouvintes. Da mesma forma, as conversas em antena introduzem narrativas pessoais que estruturam a ligação entre a ilha e a diáspora. Por exemplo, a semana em análise foi marcada pelos alertas meteorológicos de precipitação e vento, que eram frequentemente divulgados ao longo de vários dias da emissão. Os ouvintes da diáspora, por vezes, comentavam o estado do tempo, nomeadamente em Boston.

As entrevistas confirmam esta centralidade. A locutora reconhece que a emissão depende da colaboração do público, tendo em conta a sua autonomia completa de estruturação do programa.

Participação como ritual comunitário

A repetição destes formatos, tal como ilustrado no Anexo B, dá origem a um conjunto de rituais sonoros. O ato de desejar parabéns, enviar melhoras ou saudar familiares, atos aparentemente simples, funcionam como cerimónias quotidianas que reforçam laços de pertença e tornam audível a identidade açoriana em contexto transnacional.

Nesta perspetiva, a teoria de Benedict Anderson (2006) ajuda a compreender como o programa constrói uma comunidade imaginada: ouvintes dispersos geograficamente reconhecem-se como parte de um mesmo coletivo, porque partilham, em simultâneo, vozes, sotaques, referências culturais e memórias que são mediadas pela rádio.

De forma complementar, o paradigma de James Carey (1989) da comunicação ritualística em que aqui, não é apenas transmissão de informação, mas sobretudo representação e confirmação de tradições e pertenças comuns, fortalecendo a visão de um grupo, ou neste caso, de uma comunidade. Cada telefonema ou mensagem não visa trazer novidade, mas sim reencontrar a comunidade no tempo, assegurando a continuidade simbólica da açorianidade.

As entrevistas confirmam esta leitura: António, em Boston, afirma que ao ouvir o programa “está em Santa Maria”, enquanto João, na Califórnia, descreve ter construído amizades à distância através das conversas em antena. Estes testemunhos revelam como a participação se converte em ritual comunitário que suaviza a distância geográfica, permitindo que a diáspora se reencontre diariamente com a ilha.

Diáspora digital

Embora ancorado no modelo tradicional da rádio, o BDA expandiu a sua participação para o meio digital, sobretudo através do Facebook e do Facebook Messenger. Estas plataformas permitem que ouvintes que não conseguem intervir em direto, devido a fusos horários ou constrangimentos pessoais, mantenham a sua presença na emissão.

O testemunho de João, residente na Califórnia, é ilustrativo: muitas vezes só consegue ouvir a rádio de madrugada, devido às 7 horas de diferença dos Açores, e opta por enviar mensagens que são depois lidas pela locutora em antena. Não obstante, importa neste contexto a existência das rádios açorianas dos EUA, que são ouvidas pelo João, assim como outros emigrantes açorianos. A colaboração de voluntários, como Paulo Magalhães, em gravar conteúdos relativos a Santa Maria para posterior transmissão nestas rádios permite a inclusão dos emigrantes consoante o seu fuso horário. Assim, o digital prolonga a emissão para além do direto, garantindo que a diáspora continue a sentir-se ligada à vida mariense.

De acordo com Alonso e Oiarzabal (2010), as diásporas digitais caracterizam-se precisamente por esta mediação tecnológica, onde as plataformas online prolongam práticas comunitárias e reforçam vínculos identitários. No caso da RAA, a circulação de mensagens e dedicatórias digitais inscreve-se nesse movimento, permitindo que a comunidade se mantenha conectada. Como recorda a locutora Lucélia Lopes, a rádio sempre acompanhou as mudanças tecnológicas: das cartas às cassetes aos CDs, e das cartas às redes sociais. O digital, nesse sentido, não substitui a emissão tradicional: funciona como prolongamento ritualizado da experiência radiofónica, ampliando o alcance da comunidade sem diluir os seus traços identitários.

3.5. A Rádio Asas do Atlântico enquanto rádio comunitária

Estrutura associativa

A RAA está integrada no CAA, associação cultural e recreativa fundada em 1946, cuja gestão reflete este enraizamento associativo. Ao contrário de outras rádios locais privadas, esta estação não pertence a um grupo empresarial, mas sim a uma instituição da comunidade, dependendo diretamente das direções que, periodicamente, assumem a liderança do Clube. A cada mandato, a orientação da rádio é determinada pelos dirigentes que definem prioridades e asseguram a continuidade do projeto.

Este modelo reforça a sua dimensão comunitária: a rádio é concebida como extensão da vida coletiva do Clube, tal como sublinha a diretora Helena Barros, ao afirmar que a RAA “faz parte da associação e da comunidade mariense”. Esta proximidade enquadra-se na definição internacional de rádios comunitárias (AMARC, s.d.), onde a gestão e conteúdos refletem a participação ativa dos próprios membros da comunidade.

Financiamento e sustentabilidade

O financiamento da RAA assenta, sobretudo, em duas fontes principais: a publicidade e o apoio institucional. Ao contrário das rádios de natureza empresarial, dependentes de campanhas nacionais, a rádio recorre a anúncios de pequena escala, ligadas ao comércio e serviços locais, bem como a algumas empresas regionais.

Contudo, como salientou Helena Barros, a rádio não teria condições de se manter apenas com estas receitas. A diretora sublinhou que os apoios do Governo Regional dos Açores e do Município de Vila do Porto são essenciais para garantir a continuidade do projeto, permitindo cobrir despesas como eletricidade, manutenção e salários. O Governo Regional dos Açores garante apoios financeiros específicos ao setor da comunicação social privada regional, como o “Programa SIM”. No caso do Município de Vila do Porto, o apoio materializa-se, de acordo com a diretora, “ao nível da publicidade institucional e da divulgação de informações de serviço público”.

Este suporte institucional é entendido como o reconhecimento do papel da rádio enquanto serviço de interesse público, especialmente sendo a única na ilha. Bonixe (2012) acrescenta que, em territórios periféricos, este tipo de rádios funciona sobretudo como um espaço alternativo de comunicação, ligada à criação de um espaço democrático e de serviço público.

Taborda e Pestana (2023) defendem que as rádios comunitárias se distinguem das comerciais pela dependência de recursos locais, voluntariado e apoios institucionais, e Gumucio Dargon (2005), destaca a que a sustentabilidade destas rádios é, muitas vezes, precária, já que não seguem uma lógica de mercado, mas de missão cultural e social.

Desafios do associativismo e enquadramento legal

A condição associativa da RAA traduz-se também em desafios próprios da gestão comunitária. Por depender da sustentabilidade do CAA, a estação está sujeita às mudanças cíclicas de direção, que variam consoante os mandatos e os envolvimento dos dirigentes. Para Helena Barros, “o desafio para o clube atualmente é olhar para todas as suas valências e não colocar nenhuma em detrimento das outras”.

Paulo Magalhães, colaborador da RAA, salientou que a escassez de pessoas disponíveis para integrar as direções das associações obrigam à rotatividade constante dos membros diretivos nos sucessivos mandatos, demonstrando uma estratégia da comunidade para não deixar cair instituições centrais como o CAA e, por extensão, a rádio.

A estes constrangimentos junta-se a ausência de quadro legal para as rádios comunitárias em Portugal. Martins (2021) recorda que a legislação nacional apenas contempla rádios públicas e privadas, inexistindo este carácter comunitário, embora várias emissoras operem de facto neste modelo. Correia, Vieira e Aparício (2019) salientam que a ausência de um estatuto legal para as rádios comunitárias acentua esta vulnerabilidade, deixando projetos como a RAA dependentes de mecanismos de financiamento.

A RAA é, legalmente, uma rádio local privada, mas na prática funciona como uma rádio comunitária, cuja identidade é construída através do voluntariado, da dependência de apoios públicos e da participação direta da comunidade.

3.6. A açorianidade no *Bom Dia, Açores*

Elementos culturais

O BDA projeta quotidianamente símbolos e referências da cultura mariense e açoriana, funcionando como arquivo vivo de açorianidade. A agenda cultural da ilha é divulgada nos espaços informativos (*Agenda Informativa* e *Cultura em Movimento*), assegurando que tanto os residentes como a diáspora acompanham festas, eventos e tradições. Neste processo, a rádio torna-se mediadora entre instituições (como o Município de Vila do Porto) e a comunidade.

As festas religiosas e populares são frequentemente lembradas: Santo Amaro, Reis da Serra, devoções ao Senhor Santo Cristo dos Milagres, bem como as suas expressões gastronómicas nas Sopas do Espírito Santo (principalmente no “Caldo da Meia-noite”⁷) expressas através da música, projetam para a diáspora práticas que permanecem ativas na vida insular. Como refere Nora (1989), os “lugares de memória” não se restringem ao espaço físico, incluindo símbolos e tradições que a rádio ajuda a atualizar e a partilhar com quem está distante.

O sotaque micalense (pela forte participação de ouvintes de São Miguel) e as expressões marienses assumem também valor identitário. Como destacou a locutora Lucélia Lopes, expressões locais marcam a oralidade da sua própria locução; e como disse o ouvinte João, o reconhecimento imediato do sotaque micalense cria sensação de proximidade. Este marcador sonoro reforça a pertença, confirmando que a voz e o modo de falar constituem símbolos identitários (Rastogi & Suryavanshi, 2024).

A dimensão intergeracional está igualmente presente. Ouvintes emigrados relatam que mantêm o português em casa, transmitindo a língua aos filhos como motivo de orgulho. Smith (1986) sublinha que símbolos partilhados entre gerações fortalecem a memória coletiva e a coesão. Aqui, quanto maior é a ligação do emigrante ao programa, maior é também a tendência para reproduzir estes traços culturais no seio familiar.

Por fim, os rituais comunitários da participação (parabéns, dedicatórias, votos de melhoras) constituem práticas quotidianas que consolidam a pertença. Como defendem Fölmer e Badenoch (2018), a rádio é espaço de memória mediada, onde som e voz mantêm viva a comunidade além-fronteiras.

Em conjunto, estes elementos mostram que o BDA não é apenas entretenimento, mas um espaço de afirmação identitária, onde a açorianidade é reconstruída e partilhada diariamente entre ilha e diáspora.

⁷ Termo popular mariense para quem consome as tradicionais Sopas de Império/Espírito Santo à noite. Estas sopas são tradicionais nos Açores, onde quem cumpria a promessa fazia um “Império” como forma de pagamento, que consistia em fornecer sopas de pão e carne a toda a população (Pereira, 2016).

A música no *Bom Dia, Açores*

A música ocupa um lugar central no BDA, constituindo-se como uma das principais formas de preservação e projeção da identidade açoriana. Mais do que um mero elemento de entretenimento, o repertório musical assume-se como mediador cultural e afetivo, através do qual os ouvintes participam ativamente na construção do programa e mantêm vivas as tradições coletivas através dos seus pedidos e dedicatórias musicais.

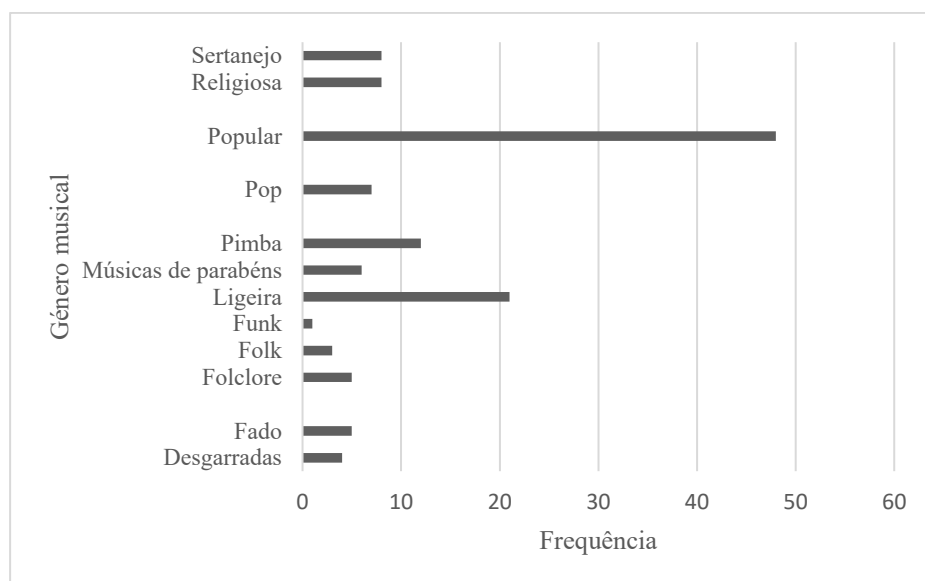


Figura 2 - Repertório do *Bom Dia, Açores* de 2 a 10 de janeiro de 2025 por frequência de género musical.

Fonte: Autoria própria, de acordo com a definição dos géneros musicais de Porto (2016), Monteiro (2011) e Moreira (2012).

A análise do Anexo C e da Figura 2 evidenciam a predominância da música popular⁸, seguida da música ligeira⁹ e do pimba. Géneros como o fado, o folclore, as desgarradas e o repertório religioso têm presença pontual, mas desempenham funções específicas: as músicas religiosas são muitas vezes dedicadas a ouvintes doentes, transformando-se em gestos simbólicos pela demonstração de fé.

⁸ Entendida por Porto (2016) como a música do quotidiano tocada, cantada e dançada pelo povo. Distingue-se da tradicional por ser considerada uma manifestação cultural, como o folclore.

⁹ Embora frequentemente associada à música popular ou pimba, este género aproxima-se do pop, criado a partir da década de 60 com o Festival da Canção, de forma a massificar-se através das rádios (Monteiro, 2011), que pretende despertar emoções estéticas de ordem superior (Moreira, 2012).

O predomínio da música portuguesa tem particular relevância, pois permite à diáspora manter contacto com um património sonoro familiar através da língua. António, em Boston, afirma que ouvir estas músicas a caminho do trabalho é uma forma de “trazer Santa Maria aos carros”; João, na Califórnia, refere que gosta de ouvir “o que é nosso” e partilha estas canções com colegas de trabalho de outras nacionalidades.

Do ponto de vista teórico, a música reforça a identidade e a memória coletiva. Hall (2003) lembra que a identidade é constantemente negociada, sobretudo em contextos migratórios. A música portuguesa é uma forma de assimilação identitária cultural. Fölmer e Badenoch (2018) acrescentam que a rádio constitui um espaço de “memória mediada”, onde, neste contexto, a música reforça vínculos identitários além-fronteiras. Frith (2006, como citado em Ribeiro, 2022) vai mais longe ao considerar a música como processo performativo, em que a identidade não é apenas representada, mas vivida através da forma como os ouvintes participam.

O papel da locutora é essencial nesta mediação. Ao gerir os pedidos, selecionar repertórios e interagir com os ouvintes, atua como curadora cultural, garantindo que a música reflete a diversidade de gostos, mas também os símbolos de pertença partilhados.

Em síntese, a musicalidade do BDA funciona como arquivo sonoro da açorianidade, onde cada escolha musical reordena laços comunitários e mantém viva a identidade cultural no espaço insular e transnacional.

3.7. O papel do locutor em programas participativos

O locutor assume um papel central em programas de rádio comunitária e de proximidade, não apenas pela condução da emissão, mas pela forma como cria laços com os ouvintes, organiza a participação e projeta símbolos culturais que reforçam a identidade coletiva.

No BDA, a presença da locutora funciona como *gatekeeper* dos símbolos mediáticos que garantem a identidade do programa: a participação e a ligação entre Santa Maria e a diáspora, além do entretenimento e serviço público/de utilidade.

Proximidade e confiança

Mais do que mediadora, Lucélia Lopes é percebida pelos ouvintes como presença de confiança e proximidade. António, em Boston, descreve que começa os seus dias “com a voz da Lucélia”, enquanto João, na Califórnia, deixa mensagens que sabe serem lidas em antena, reforçando a sensação de ligação pessoal.

O tratamento pelo nome próprio (“a Lucélia”) demonstra que os ouvintes não a percebem como uma mera voz da emissão, mas como parte da sua vida quotidiana. A própria locutora reconhece que, muitas vezes, desempenha quase o papel de “psicóloga”, acompanhando preocupações e retomando conversas de dias anteriores.

Esta relação confirma o conceito de interação parassocial de Horton e Wohl (1956), desenvolvido mais tarde por Savage e Spence (2014): os ouvintes estabelecem laços de amizade e reconhecimento com figuras mediáticas, sentindo-as como membros do seu círculo íntimo. No caso do BDA, esta interação parassocial adquire características de proximidade comunitária, sustentada pela presença e mediação constante da locutora.

Dimensão afetiva na diáspora

Para os ouvintes emigrados, o BDA tem uma forte carga emocional. António descreve que ouvir o programa ajudou a “matar saudades”, afirmando que quando ouve o programa e “fecha os olhos, está em Santa Maria”. Já João, na Califórnia, afirma que “todas as manhãs vê a Maia (situada na freguesia de Santo Espírito, em Santa Maria) no telemóvel e ouve a Lucélia”, sentindo-se mais próximo da sua terra.

Estas emoções manifestam-se também nas práticas já mencionadas, que são repetidas diariamente na emissão. As dedicatórias musicais, transmitindo a emoção através da música, assim como as saudações, parabéns e votos de melhoras demonstram preocupação com os outros ouvintes e funcionam como rituais que tornam o BDA num palco partilhado de afeto, onde a comunidade local e a diáspora se reconhecem mutuamente. A intensidade desses momentos resulta também da forma como a locutora lê e comenta cada participação, transformando mensagens simples em experiências de proximidade e de emoção.

Este carácter de arquivo afetivo estende-se também à memória dos protagonistas do programa. A família de António Valente, antigo locutor já falecido, continua a ser frequentemente saudada pelos ouvintes, revelando que o BDA guarda não apenas tradições musicais e rituais comunitários, mas também a lembrança das pessoas que fizeram parte do programa. Neste sentido, confirma-se o que Nora (1989) designa como “lugares de memória”: espaços simbólicos onde práticas e lembranças perpetuam a identidade coletiva através da evocação constante do passado.

Para alguns, a escuta diária chega a ter impacto físico e emocional: Lucélia recorda que muitos ouvintes emigrados se emocionam ou choram ao recordar músicas e momentos vividos na ilha. Ao ter participado num convívio mariense nos Estados Unidos, vários participantes a abordaram para referir que a acompanhavam todos os dias na rádio. Este testemunho reforça o vínculo criado pelo programa que transcende a relação mediática e se concretiza em experiências de partilha na diáspora.

Os laços emocionais despertados pelo BDA não se limitam a experiências individuais, mas circulam-se pela comunidade, criando vínculos coletivos que reforçam a pertença e a ligação à terra. Tal como observa Ahmed (2004), as emoções funcionam como forças que ligam sujeitos a contextos e a outros indivíduos que organizam o sentimento de comunidade. O programa, ao dar corpo a estas experiências afetivas através da voz e da mediação da locutora, transforma-se num território emocional partilhado, essencial para a manutenção da identidade açoriana na diáspora.

Conclusão

A análise desenvolvida nesta investigação permitiu compreender o papel singular da RAA e, em particular, do programa BDA, na preservação e reforço da identidade açoriana junto da comunidade migrante nos EUA. Partindo da sua condição de rádio local de proximidade, constatou-se que a sua estrutura assenta na participação ativa dos ouvintes que deixam de ser meros recetores para se tornarem também produtores de conteúdos. Telefonemas em direto, mensagens escritas, dedicatórias musicais, saudações e outros rituais de partilhas confirmam que a emissão é moldada pelas intervenções da audiência. Neste contexto, a locutora desempenha um papel central como mediadora: é ela quem organiza, lê e enquadra as mensagens, garantindo que a voz dos ouvintes chega ao ar. Não obstante, é a liberdade editorial da locutora que permite estruturar o programa desta forma. Os resultados demonstram que o BDA é um espaço privilegiado para a criação de comunidades imaginadas, onde a participação diária da diáspora, viabilizada pela internet, confirma que o programa se tornou num lugar de encontro simbólico, capaz de aproximar geografias distantes.

Do ponto de vista identitário, o programa revela-se como espaço de valorização e projeção da cultura açoriana. A publicidade dos vários serviços locais da ilha, a gastronomia açoriana, os sotaques e as expressões, a religião e a música em língua portuguesa constituem elementos que reforçam a memória coletiva e a ligação emocional pela terra natal. Importa, neste contexto, mencionar as rádios portuguesas na diáspora, os convívios marienses e das outras comunidades açorianas como forma de materializar este reforço coletivo na diáspora. Para os emigrantes, ouvir a rádio significa “levar Santa Maria no carro” ou “olhar para a Maia”, experiências que revelam como a emissão transporta sensações e paisagens afetivas para o quotidiano do migrante. As formações destas recordações partilhadas também têm como elemento a evocação a antigos locutores que confirmam o BDA como palco mediado pelas memórias e emoções. Assim, o papel do locutor é indissociável deste processo. Mais do que uma profissional, Lucélia Lopes é reconhecida pelos ouvintes como alguém de proximidade, tratada com familiaridade e confiança. A sua capacidade de estabelecer relações quase pessoais com a audiência, aliada à função de *gatekeeper* na gestão destas participações, faz dela uma peça fundamental na mediação cultural e afetiva do programa.

Institucionalmente, a RAA integra uma associação sem fins lucrativos, sustentada por apoios governamentais, municipais, empresariais e pelo contributo voluntário de colaboradores.

Esta estrutura aproxima-a do modelo de rádio comunitária, ainda que em Portugal não exista enquadramento legal para este tipo de emissoras.

O BDA comprova esta vocação comunitária: é feito pela comunidade, serve os seus interesses e responde a necessidades locais que os meios nacionais não cobrem, exercendo funções de serviço público e reforçando a coesão social.

As questões centrais da dissertação podem ser respondidas de forma clara. Em primeiro lugar, o programa contribui para a manifestação e reforço da identidade açoriana junto da diáspora através da participação dos ouvintes, da adaptação da rádio ao digital, da valorização dos elementos identitários e dos convívios marienses que unem a comunidade. Em segundo lugar, a RAA pode ser interpretada como uma rádio comunitária, na medida em que a sua estrutura associativa, financiamento e serviço público confirmam a sua natureza de rádio feita pela e para a comunidade, dependendo profundamente do interesse desta para erguer a associação e, por consequente, a rádio. O programa BDA também pode ser incluído como um programa comunitário, uma vez que é construído a partir das vozes, símbolos e necessidades da comunidade local e diaspórica (apesar dos constrangimentos horários), funcionando como um espaço de representação, partilha e reforço identitário.

Esta investigação demonstra que uma rádio local pode assumir funções comunitárias e transnacionais, preservando a identidade cultural e fortalecendo laços de pertença para além das fronteiras físicas. A RAA, através do BDA, confirma-se como espaço de encontro simbólico, onde se cruza memória, identidade e emoção, garantindo que a açorianidade se mantém viva, tanto nas ilhas como na diáspora.

Apesar dos contributos alcançados, a investigação apresenta algumas limitações que importa reconhecer. O facto de a autora ter exercido funções na RAA constitui uma particularidade: se, por um lado, possibilitou um conhecimento profundo do terreno, por outro lado, exigiu um exercício permanente de reflexividade para mitigar eventuais enviesamentos analíticos. Acresce ainda que a adesão de emigrantes às entrevistas foi reduzida, o que condicionou a diversidade das perspetivas recolhidas. Seria relevante incluir igualmente testemunhos de ouvintes locais de Santa Maria e de São Miguel, de forma a compreender as dimensões da importância da rádio no quotidiano insular ou a ligação afetiva dos micaelenses ao programa, uma vez que são eles quem dominam numericamente as participações no BDA. Futuramente seria igualmente pertinente analisar o porquê da participação residual dos marienses num programa feito pela rádio da sua ilha, questão que poderá revelar outras dimensões da relação entre a rádio e a comunidade local.

A crise do associativismo é outra dimensão que merece reconhecimento, sendo visível na dificuldade em renovar direções e atrair novos colaboradores para o CAA. Esta realidade fragiliza a sustentabilidade de uma rádio com mais de 70 anos de existência, refletindo um fenómeno mais amplo nas associações culturais locais. Seria, por isso, relevante que investigações futuras se debruçassem sobre este contexto, procurando compreender de que forma o associativismo açoriano se adapta às novas gerações e às exigências contemporâneas de participação comunitária, latentes a uma cidadania ativa.

Estas limitações apontam igualmente caminhos para outras investigações. Seria pertinente analisar comparativamente outras rádios locais açorianas, de modo a verificar se observam dinâmicas semelhantes de participação e reforço identitário, uma vez que o número de emigrantes açorianos ainda é significativo. Outras localidades geográficas também seriam interessantes, como é o caso do Canadá. Seria fundamental aprofundar o estudo das rádios comunitárias em Portugal, tendo em conta a inexistência de enquadramento legal específico. A escassez de investigação neste domínio obrigou a recorrer sobretudo a bibliografia internacional, em rádios comunitárias da América Latina e África, cuja realidade radiofónica difere do contexto português.

Referências bibliográficas

- Ahmed, S. (2004). *The Cultural Politics of Emotion*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Anacleto, M. (2002). Os “Azorean Refugee Acts” de 1958 e 1960. *Polissema*, 2, 39-45. doi.org/10.34630/polissema.vi2.3417
- Alonso, A., & Oiarzabal, P. (2010). *Diasporas in the new media age: Identity, politics, and community*. University of Nevada Press.
- Anderson, B. (2006). *Imagined Communities – Reflections on the Origin and Spread of Nationalism* (3ª Edição). Verso.
- AMARC International (s.d.). Community Radio: What is Community Radio?. amarc-international.com/blank-1
- Araújo, A. (2018). *A relação entre a rádio e os ouvintes na era da Internet: O caso da Rádio Fundação* [Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior]. ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/9766/1/6533_14012.pdf
- Babbie, E. (2013). *The Practice of Social Research* (13ª Edição). Wadsworth, Cengage Learning. old-eclass.uop.gr/modules/document/file.php/SEP187/Babbie_The_Practice_of_Social_Research.pdf
- Bamigboye, F. & Osunkunle, O. (2021). Exploration of Listeners’ Participation in Media Content of Community Radio: Lessons from Forte FM. *Global Media Journal*, 19(46). globalmediajournal.com/open-access/exploration-of-listeners-participation-in-media-content-of-community-radio-lessons-from-forte-fm.php
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Bonixe, L. (2011). Jornalismo radiofónico e Internet – Um estudo da evolução do uso das potencialidades online nas notícias dos sites da rádio. *Comunicação e Sociedade: A Rádio na Frequência da Web*, 20, 29-41. lasics.uminho.pt/ojs/index.php/comsoc/article/view/881/841
- Bonixe, L. (2012). As rádios locais em Portugal – da génese do movimento à legalização. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 9, 313-325. periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2012v9n2p313
- Bryman, A. (2015). *Social Research Methods* (5ª Edição). Oxford University Press. ktpu.kpi.ua/wp-content/uploads/2014/02/social-research-methods-alan-bryman.pdf
- Cabral, T. (2014). *As Casas dos Açores da América do Norte: Um projeto ao serviço das comunidades açorianas na diáspora* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa]. hdl.handle.net/10362/13331
- Cádima, F. (2019). Rádios Comunitárias em Portugal: Mapeamento e características participativas. Em Midões, M. (Ed.), *Diversidade e Pluralismo nos Mídia*. Instituto de Comunicação da Nova. novaresearch.unl.pt/files/13930726/ICNOVA_Diversidade_Pluralismo_total_v2.pdf
- Cancian, J. (2007). *O contexto da diáspora na construção da identidade cultural: A experiência do personagem José Viana, do romance “Sem Nome”, de Helder Macedo*. Laboratório de Comunicação – UBI. arquivo.bocc.ubi.pt/pag/cancian-juliana-contexto-da-diaspora.pdf
- Carey, J. (1989). *Communication as Culture: Essays on Media and Society*. Boston: Unwin Hyman.
- Cordeiro, P., & Paulo, N. (2014). A rádio numa App: Tendências da convergência multimédia e os conteúdos da rádio. *Revista Media & Jornalismo*, 13, 117-133. fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocicdigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/03/media_jornalismo_final_n-24_paula-cordeiro-e-nadia-paulo.pdf
- Correia, R., Vieira, J. & Aparício, M. (2019). Community radio stations sustainability model: An open-source solution. *Radio Journal*, 17, 29-45. hdl.handle.net/10071/18466
- Cultura do Governo dos Açores (s.d.). Açorianidade. culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx?id=566

- Diário dos Açores (2024). *Santa Maria é a ilha mais procurada por americanos que pesquisam casas em Portugal*. diariodosacores.pt/2024/12/04/santa-maria-e-a-ilha-mais-procurada-por-americanos-que-pesquisam-casas-em-portugal/
- Direção Regional das Comunidades (s.d.). *Emigrantes dos Açores*. portal.azores.gov.pt/web/drcomunidades/emigrantes-acores
- Direção de Serviços de Emigração da Secretaria Regional dos Assuntos Sociais (1989). *II Congresso de Comunidades Açorianas*. Angra do Heroísmo
- Direção de Serviços de Emigração da Secretaria Regional dos Assuntos Sociais (1995). *III Congresso de Comunidades Açorianas*. Angra do Heroísmo.
- Elhajji, M., & Balthazar, L. (2013). Destinos migratórios, desejos individuais, projetos comunitários. *O Estrangeiro*, 1, 144. oestrangeiro.org/wp-content/uploads/2014/10/destinos-migratc3b3rios2.pdf
- Encontro Nacional de Marienses. 30 anos de Bom Dia Açores. web.archive.org/web/20081026110139/http://www.ajism.org/encontro/valente/index.htm
- Explore Santa Maria (s.d). *Clube Asas do Atlântico*. exploresantamaria.pt/explorar/clube-asas-do-atlantico/
- Fölmer, G., & Badenoch, A. (2018). *Transnationalizing Radio Research – New Approaches to an Old Medium*. DOI:[10.14361/9783839439135-001](https://doi.org/10.14361/9783839439135-001)
- Fraser, C., & Estrada, E. (2001). *Community Radio Handbook*. Unesco. unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000124595.locale=en
- Georgiou, M. (2013). Diaspora in the digital era: Minorities and media representation. *Journal on Ethnopolitics and Minority Issues in Europe*, 12(4), 80–99. ecmi.de/fileadmin/downloads/publications/JEMIE/2013/Georgiou.pdf
- Giddens, A. (2005). *Sociologia* (4.^a ed.). Artmed.
- Gumucio Dargon, A. (2005). Arte de equilibristas: la sostenibilidad de los médios de comunicación comunitários. *Punto Cero*, 10, 6-9. scielo.org/bo/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1815-02762005000100002&lng=es&nrm=iso&tlng=pt
- Gutiérrez, E., & Castillo, G. (2011). Radio 3.0. Êxito durmiente. Em Sobrino, A., & Vidales, N. (Eds.), *Radio 3.0 Una nueva radio para una nueva era: la democratización de los contenidos* (pp. 281-300). Editorial Fragua.
- Hall, S. (2003). *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Editora UFMG.
- Horton, D., & Wohl, R. (1956). Mass Communication and Parassocial Interaction: Observations on Intimacy at a Distance. *Psychiatry*, 19(3), 215–229. doi.org/10.1080/00332747.1956.11023049
- Jiménez, P., & Velasco, M. (2011). Nuevas formas de participación en radio. Radio tradicional y redes sociales. Em M. Á. Sobrino, & N. L. Vidales (Eds.), *Radio 3.0 Una nueva radio para una nueva era: la democratización de los contenidos* (pp. 231-247). Editorial Fragua.
- King, R., & Connel, J. (1999). *Small Worlds, Global Lives*. Pinter
- Lalanda, G. (2010). Migrações e espaço de oportunidade: uma reflexão sociológica. Em Foneca, M (Ed.), *Aproximando Mundos: Emigração, Imigração e Desenvolvimento em espaços insulares*. Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento.
- Martins, J. (2021). *Rádios comunitárias em Portugal? Mesmo que a lei não o permita, estudo vem demonstrar que é possível*. esev.ipv.pt/dacomunicacao/?p=13139
- Mattelart, A. (2002). An archaeology of the global era: Constructing a belief. *Media, Culture & Society*, 24(5), 591–612. doi.org/10.1177/016344370202400502
- Monteiro, A. (2021). *As Ilhas nas Relações Internacionais – Santa Maria (Açores) no Século XX*. Lisbon International Press.

- Monteiro, T. (2011). “Nós pimba!”: *reflexão em torno das apropriações e dos juízos sobre um estilo musical estigmatizado* [Sessão de conferência]. share.google/eE0q6xd476ofzAdDR
- Moreira, P. (2012). “*Cantando espalharei por toda a parte*”: *programação, produção musical e o “aportuguesamento” da “música ligeira” na Emissora Nacional de Radiodifusão (1934 I 1949)* [Tese de Doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa]. share.google/j34H1ObQGJhTrjOMU
- Nora, P. (1989). Between Memory and History: Les Lieux de Mémoire. *Representations*, 26, 7–24. doi.org/10.2307/2928520
- Oliveira, M., & Ribeiro, F. (2015). Políticas, práticas e narrativas do jornalismo radiofónico português na Web. Em Bonixe, L. (Ed.), *Radio, sound and Internet Proceedings of Net Station International Conference*. Universidade do Minho. hdl.handle.net/1822/38024
- Patiño-Santos, A. (2021). The politics of identity in diasporic media. *Language, Culture and Society*, 3(1), 34–57. doi.org/10.1075/lcs.00032.pat
- Pereira, A. (2016). *Os Impérios e as sopas*. acervo.publico.pt/fugas/noticia/ilhas-stamaria-os-imperios-e-as-sopas-1733167
- Peruzzo, C. (2010). Rádios comunitárias no Brasil: Da desobediência civil e particularidades às propostas aprovadas na CONFECOM. Em *GT Economia e Políticas de Comunicação* [Simpósio]. Encontro Anual da COMPOS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, PUC-Rio, Rio de Janeiro, Brasil. compos.com.puc-rio.br/media/g6_cicilia_peruzzo.pdf
- Pompeii, B. (2015). The use of public radio as a tool in qualitative geographic research. *GeoJournal*, 5, 791–802. link.springer.com/article/10.1007/s10708-015-9647-1
- Porto, S. (2016). *Tradição Musical Portuguesa e Contemporaneidade*. comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/5294/1/Susana%20Porto.pdf
- Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa. *Lei da Rádio (versão atualizada)*. pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=1293&tabela=leis
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva
- Rádio Clube Asas do Atlântico (s.d.). *História*. asasdoatlantico.pt/index.php?sec=1&op=2
- Rastogi, S., & Suryavanshi, R. (2024). Empowering Communities: assessing the effectiveness of programs and listenership of community radio. *ShodhKosh: Journal of Visual and Performing Arts*, 5(1), 632.641. DOI: [10.29121/shodhkosh.v5.i1.2024.973](https://doi.org/10.29121/shodhkosh.v5.i1.2024.973)
- Ribeiro, A (2022). A música que ouvimos: estudo exploratório com alunos do Curso Básico de Música do Conservatório do Vale do Sousa. *Opus*, 28, p. 1-15. dx.doi.org/10.20504/opus2022.28.29
- Ribeiro, F. (2014). Piratas à Internet: 25 anos de Rádios Locais. Em Ribeiro, F., Reis, A. I., Portela, P (Eds.), *Recuperar o espírito das piratas: reflexões sobre rádios comunitárias em Portugal, do vazio legal a uma proposta concreta*. Universidade do Minho. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/34215
- Rocha, G., Ferreira, E. & Mendes, D. (2011). *Entre Dois Mundos. Emigração e Regresso aos Açores*. Governo dos Açores.
- RTP Notícias (2007). *Bermudas são o principal destino dos emigrantes açorianos*. rtp.pt/noticias/pais/bermudas-sao-o-principal-destino-dos-emigrantes-acorianos_n39491
- Savage, M., & Spence, P. (2014). Will You Listen? An Examination of Parasocial Interaction and Credibility in Radio. *Journal of Radio & Audio Media*, 21, 3-19. tandfonline.com/doi/abs/10.1080/19376529.2014.891214?journalCode=hjrs20
- Silva, F., Colussi, J., & Rocha, P. (2018). WhatsApp as a Tool for Participation on Spanish Radio: A Preliminary Study of the Program Las Mañanas on RNE. *Journal of radio & Audio Media*, 25, 77-91. tandfonline.com/doi/full/10.1080/19376529.2017.1370712

- Smith, A. D. (1986). *The ethnic origins of nations*. Blackwell Publishing.
- Taborda, M., & Pestana, H. (2023). *A Rádio Local na Sociedade Portuguesa*. Entidade Reguladora para a Comunicação Social. flipsnack.com/ercpt/estudo-a-r-dio-local-na-sociedade-portuguesa/full-view.html
- Vasques, J. (1956). *O X Aniversário do Clube Asas do Atlântico*. Livraria Aviz
- Vidal, D. (2021). *A erupção vulcânica que mudou para sempre a ilha do Faial*. nit.pt/fora-de-casa/nacidade/erupcao-vulcanica-que-mudou-para-sempre-ilha-faial
- Wahyundi, I. (2011) Community Radio, Internet and Diaspora: From Local do Global. *Indonesian Journal of Social Sciences*, 3, 31-37. journal.unair.ac.id/IJSS/@community-radio,-internet,-and-diaspora--from-local-to-global-article-4083-media-35-category-8.html

Anexos

Anexo A – Grelha de programação da Rádio Asas do Atlântico

RADIO ASAS DO ATLÂNTICO 103.2 FM		
GRELHA DE PROGRAMAS		
SEG A SEX	08H - 11H	BOM DIA, AÇORES LUCÉLIA LOPES
	11H - 12H	ESPAÇO 11/12 - ONDE SANTA MARIA É NOTÍCIA ANA PAULA BRAGA
	12H - 14H	PICO ALTO SARA VALENTE
	14H - 16H	ENTRE MARGENS LUCÉLIA LOPES
	16H - 18H	NOVA ONDA SARA VALENTE
	9H 15H	CULTURA EM MOVIMENTO CMVP
	13H45 21H30	O SENTIDO DAS PALAVRAS CARLOS CABRITA
SEG	10H 14H 16H	NOTICIÁRIOS ANA PAULA BRAGA
	10H15 17H	UM MINUTO PELO PLANETA EBSSMA
TER	18H - 19H	EISH, HÁ QUANTO TEMPO! SANDRA SOUSA
	13H 17H45	PRAZERES INTERROMPIDOS OCTÁVIO NUNES
	18H - 19H	CUORE MEDITERRÂNEO DANIELA MALANCHINI
QUA	20H - 22H	PROGRAMA DESPORTO AÇORES PEDRO DRUMOND SOUSA
	19H - 21H	ENTRE AMIGOS SANDRA CHAVES, PAULO MAGALHÃES & PAULO RENATO
QUI	13H 17H45	PRAZERES INTERROMPIDOS OCTÁVIO NUNES
	18H - 19H	HORA DO ARCO ÍRIS LUCÉLIA LOPES
	21H - 22H	MÚSICA QUE EU SINTO, MÚSICA QUE EU VEJO CLÁUDIA MARQUES
SEX	16H30	5 MINUTOS DE FILOSOFIA PEDRO AMARAL
	18H00	ÂNGULO HOLANDÊS DIOGO FIGUEIRA
	22H - 00H	MUITÁFRENTE ZÉ AMARAL & JOÃO VASCO COSTA
SÁBADO	10H - 12H	MANHÃS DE SÁBADO LUCÉLIA LOPES
	14H - 15H	HORA DO ARCO ÍRIS (REPETIÇÃO) LUCÉLIA LOPES
	15H - 16H	RITMOS DA INFORMAÇÃO ANA PAULA BRAGA
	17H - 18H	VOZES DO AMBIENTE ANABELA REIS COSTA E VÂNIA ANDRADE
	18H - 19H	FUMAÇA
	22H - 23H	DJ FILIPE L RADIO SHOW FILIPE LOURA
DOMINGO	23H - 00H	ANESTESIA GERAL HENRIQUE SOUSA & RICARDO LORY
	9H 12H 15H	NOTICIÁRIOS ANA PAULA BRAGA
	10H - 12H	AS MINHAS HORAS RUI MELO
	15H - 17H	SALADA MISTA PAULO RENATO
	17H00	TINTA PERMANENTE (MENSAL) RAFAEL ASSUNÇÃO
	MENSAL	CIDADÃOS DO AMANHÃ EBSSMA

Fonte: Rádio Asas do Atlântico.

Nota: Grelha de programação da Rádio Asas do Atlântico (2024 – fev. 2025). O nome da autora consta do documento por ter integrado a equipa da rádio durante o período em que esta grelha esteve em vigor.

Anexo B – Programas *Bom Dia, Açores* de 2 a 10 de janeiro de 2025

Data	Horário	Formas de participação (quantidade)	Origem dos participantes (quantidade)	Temas principais	Referências culturais	Observações
02/jan	09h00-11h00	Chamada telefónica (10); Mensagem (11)	São Miguel (10); Santa Maria (1); Estados Unidos da América (2); sem indicação (8)	Ano novo; medidos Musicais; amizade; aniversários	Agenda cultural local; Ronda da Madrugada; folclore; parabéns	Participantes em direto da ilha de São Miguel; diáspora via mensagem.
03/jan	08h00-10h00	Chamada telefónica (4); Mensagem (9)	São Miguel (6); Santa Maria (3); Estados Unidos da América (1); sem indicação (2)	Alerta amarelo (chuva/vento) - IPMA; pedidos Musicais	Música açoriana, "Reis da Serra"	
06/jan	10h00-11h00	Chamada telefónica (5); Mensagem (3)	São Miguel (5); Santa Maria (1); sem indicação (2)	Mau tempo; "Reis da Serra"; aniversários; saudade; pedidos musicais	"Reis da Serra"; Hino do Senhor Santo Cristo	Divulgação/apoio a associações locais; Hino como demonstração de fé perante dificuldades
07/jan	09h00-11h00	Chamada telefónica (11); Mensagem (7)	São Miguel (12); Santa Maria (2); Estados Unidos da América (1); sem indicação (3)	Saúde; saudações; pedidos musicais; Dia-a-dia Açores e diáspora; emigrantes; Capitania do Porto de Vila do Porto	Agenda cultural local; Cantares Ilha do Sol; "Bom Dia Santa Maria"; Ronda da Madrugada	Programa tem a participação de mais um locutor; primeira chamada de mariense em direto; mensagens de força a ouvintes ausentes
08/jan	08h00-10h00	Chamada telefónica (5); Mensagem (9)	São Miguel (4); Santa Maria (3); Estados Unidos da América (2); sem indicação (4)	Aniversários; emigrantes; futebol português; dificuldade em obter linha telefónica	Mário Marinho; Grupo Luís Pereira e Companhia (Rabo de Peixe)	Ausência de transporte marítimo de mercadorias à ilha; Saudações à família de António Valente
09/jan	10h00-11h00	Chamada telefónica (4); Mensagem (4)	São Miguel (7); sem indicação (1)	Saúde; pedidos musicais; reflexões bíblicas; humor	Caldo da Meia Noite; Santo Amaro; "Bom Dia Santa Maria"; Poça da D. Beija	Participação com mensagens de melhoras, dinâmica de humor em torno da locutora/ouvintes

10/jan	09h00-11h00	Chamada telefónica (5); Mensagem (5)	São Miguel (5); Canadá (1); Estados Unidos da América (3); sem indicação (1)	Cortes de energia (Eletricidade dos Açores); saudações; emigrantes; concerto solidário (Lions Clube)	Agenda cultural local; desgarradas; Grupo das Candeias	Saudações à família de António Valente; referências a emigrantes; apoio a associações locais
---------------	-------------	--------------------------------------	--	--	--	--

Fonte: Autoria própria, a partir de informação da rádio.

Anexo C - Repertório do *Bom Dia, Açores* entre 2 a 10 de janeiro de 2025

Estilo Musical	Origem	Frequência aproximada	Observações
Desgarradas	Açores, Madeira, Portugal Continental	4	
Fado	Açores, Portugal Continental	5	
Folclore	Açores	5	Grupos de folclore de São Miguel (Grupo da Nossa Senhora das Candeias, Luís Pereira e Companhia) e de emigrantes marienses (Cantares Ilha do Sol)
Folk	Ilha de Santa Maria	3	Grupo Ronda da Madrugada
Funk	Brasil	1	Pedro Sampaio, êxito nacional
Ligeira	Açores, Brasil, Portugal Continental	21	Mariense emigrada no Canadá (Lídia de Sousa), João Moniz (ilha de São Miguel)
Músicas de parabéns	Açores, Portugal Continental	6	Ritual de celebração entre ouvintes e familiares. Varia entre o infantil e o pimba
Pimba	Portugal Continental	12	Zé do Pipo, Rosinha, Jorge Guerreiro
Pop	Estados Unidos da América, Itália, Portugal Continental	7	Fernando Daniel, Sara Correia, D.A.M.A, Buba Espinho. Apenas dois temas estadunidenses e um italiano (Al Bano & Romina Power)

Popular	Açores, Brasil, Portugal Continental	48	Músicos micalenses (Mário Marinho e Jorge Ferreira) e músicas alusivas a Santa Maria (Zé Manel – Bom Dia Santa Maria); Grupo de emigrantes marienses (Cantares Ilha do Sol), tradição do Caldo da Meia Noite
Religiosa	Açores, Brasil, Portugal Continental	8	Lídia de Sousa, Reis Magos e o nascimento de Jesus (Reis da Serra), Hino do Senhor Santo Cristo dos Milagres
Sertanejo	Brasil, Portugal Continental	8	Zé Amaro (sertanejo português)

Fonte: Autoria própria, a partir de informação da rádio.

Anexo D – Guiões das entrevistas

Anexo D1 - Guião de entrevista aos membros diretivos do Clube Asas do Atlântico

Guião utilizado para a entrevista com a diretora da Rádio Asas do Atlântico, Helena Barros, no dia 4 de agosto de 2025.

Antes de começarmos a entrevista, gostaria de agradecer a sua disponibilidade e informar que esta conversa será usada para fins académicos, no âmbito da minha dissertação: *Rádio local, participação e identidade da diáspora açoriana* para o Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação pelo ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. A entrevista será gravada apenas para posterior transcrição de modo a facilitar a análise. Alguns excertos da entrevista poderão ser utilizados no texto final da dissertação. A sua participação é voluntária, e poderá interromper ou desistir da entrevista a qualquer momento. Confirma que compreende estas condições, e que aceita participar?

1. Que papel considera que a rádio desempenha na vida dos marienses? E dos emigrantes?
2. Acha que o programa *Bom Dia, Açores* tem contribuído para manter vivas as tradições e a cultura mariense, nos Açores? E lá fora?
3. Acha que a rádio cumpre uma função de serviço público?
4. Considera que a rádio contribui para reforçar o sentimento de pertença, mesmo para quem está fora da ilha?

5. De que forma a rádio procura preservar e promover a cultura açoriana e mariense?
Como é que isso se concretiza na programação, no dia a dia?
6. Qual é a visão da direção sobre a importância atual do *Bom Dia, Açores*? Há planos ou preocupações quanto à sua continuidade?
7. Como garante que a rádio está atenta às necessidades e preocupações das pessoas da ilha?
8. Qual a importância de manter viva a ligação com os ouvintes que vivem fora da ilha?
9. Quais são as principais fontes de apoio ou financiamento da rádio atualmente?
10. Ser uma rádio associativa traz vantagens? Desafios? Pode partilhar algum exemplo?
11. Algum outro aspeto que considere relevante para o tema que não falamos antes?

Muito obrigada!

Anexo D2 – Guião de entrevista para a locutora do programa *Bom Dia, Açores*, da Rádio Asas do Atlântico.

Guião utilizado para entrevistar a locutora do programa *Bom Dia, Açores*, Lucélia Lopes, no dia 11 de agosto de 2025.

Antes de começarmos a entrevista, gostaria de agradecer a sua disponibilidade e informar que esta conversa será usada para fins académicos, no âmbito da minha dissertação: *Rádio local, participação e identidade da diáspora açoriana* para o Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação pelo ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. A entrevista será gravada apenas para posterior transcrição de modo a facilitar a análise. Alguns excertos da entrevista poderão ser utilizados no texto final da dissertação. A sua participação é voluntária, e poderá interromper ou desistir da entrevista a qualquer momento. Confirma que compreende estas condições, e que aceita participar?

1. Começo por lhe pedir que descreva a sua história pessoal com a Rádio Asas do Atlântico.
2. Pode contar como começou a sua ligação com o programa *Bom Dia, Açores*?
3. Como descreve a sua relação com os ouvintes locais? E com a diáspora? Existem diferenças?

4. Que feedback costuma receber dos ouvintes? Há algum que a tenha marcado?
5. Como costuma organizar e escolher os conteúdos para o programa?
6. Tem autonomia para adaptar o conteúdo às necessidades dos ouvintes?
7. Sente que o *Bom Dia, Açores* se adaptou às novas formas de ouvir rádio, como a internet ou as redes sociais?
8. Que importância acha que a rádio tem hoje na vida da comunidade local? E dos emigrantes?
9. Como descreve o papel da Rádio Asas do Atlântico na comunidade local? E junto da diáspora?
10. Acha que o programa (e a sua locução) tem impacto emocional ou cultural para quem está longe da ilha?
11. Enquanto locutora, de que forma procura preservar e manter a cultura açoriana e mariense?
12. Sente que o seu papel enquanto locutora vai além da emissão?
13. Algum outro aspeto que considere relevante para o tema que não falamos antes?

Muito obrigada!

Anexo CD – Guião de entrevista com colaboradores da Rádio Asas do Atlântico

Guião de entrevista com o colaborador da Rádio Asas do Atlântico e da Rádio Portugal USA, Paulo Magalhães, realizada no 11 de agosto de 2025.

Antes de começarmos a entrevista, gostaria de agradecer a sua disponibilidade e informar que esta conversa será usada para fins académicos, no âmbito da minha dissertação: *Rádio local, participação e identidade da diáspora açoriana* para o Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação pelo ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. A entrevista será gravada apenas para posterior transcrição de modo a facilitar a análise. Alguns excertos da entrevista poderão ser utilizados no texto final da dissertação. A sua participação é voluntária, e poderá interromper ou desistir da entrevista a qualquer momento. Confirma que compreende estas condições, e que aceita participar?

1. De que forma colabora com a Rádio Asas do Atlântico?
2. Tem contacto direto com os ouvintes da diáspora? Que tipo de interações acontecem?

3. Qual tem sido o seu papel ou contributo na rádio?
4. Sente que este contributo tem influência na comunidade?
5. O que pensa sobre a importância da Rádio Asas do Atlântico para os marienses? E para a diáspora?
6. Algum outro aspeto que considere relevante para o tema que não falamos antes?

Muito obrigada!

Anexo D4 – Guião de entrevista para os ouvintes do *Bom Dia, Açores* na diáspora

Guião de entrevista utilizado para os ouvintes do *Bom Dia, Açores*, António Cabral e João Santos, realizados nos dias 19 e 30 de agosto de 2025.

Antes de começarmos a entrevista, gostaria de agradecer a sua disponibilidade e informar que esta conversa será usada para fins académicos, no âmbito da minha dissertação: *Rádio local, participação e identidade da diáspora açoriana* para o Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação pelo ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. A entrevista será gravada apenas para posterior transcrição de modo a facilitar a análise. Alguns excertos da entrevista poderão ser utilizados no texto final da dissertação. A sua participação é voluntária, e poderá interromper ou desistir da entrevista a qualquer momento. Confirma que compreende estas condições, e que aceita participar?

1. Com que frequência costuma ouvir o programa *Bom Dia, Açores*? E por que meio (rádio, internet)?
2. O que o(a) motiva a ouvir o programa? Que ligação sente com ele?
3. O que sente quando ouve o programa? Há alguma emoção ou memória que lhe associa?
4. Costuma participar no programa? De que forma? O que o(a) leva a participar (ou a não participar)?
5. Sente que, mesmo estando fora da ilha, pode participar ou ser ouvido(a) pela rádio?
6. Sente que a rádio representa bem a identidade e a vida da comunidade mariense? Porquê?
7. Ouvir a rádio faz com que se sinta mais próximo(a) da sua terra?
8. A rádio tem um papel na forma como mantém a sua ligação à ilha? Como?

9. Para si, a rádio é apenas um meio de informação e entretenimento, ou tem também um valor simbólico ou emocional?
10. Algum outro aspeto que considere relevante para o tema que não falamos antes?

Muito obrigada!

Anexo E – Transcrições das entrevistas

Anexo E1 – Transcrição da entrevista com Helena Barros

Data: 6 de agosto de 2025

Local: Vila do Porto, ilha de Santa Maria, Açores

Formato: Presencial

Duração: 31:04 minutos

Entrevistadora: Sara Valente

Entrevistadora: Antes de começarmos a entrevista, gostaria de agradecer sua disponibilidade e informar que esta conversa será usada para fins académicos no âmbito da minha dissertação: *Rádio local, participação e identidade diáspora açoriana*, para o Mestrado em Comunicação Cultura e Tecnologias da Informação, pelo ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa. A entrevista será gravada apenas para posterior transcrição, de modo a facilitar a sua análise. Alguns excertos da entrevista poderão ser usados no texto final da dissertação, pelo que a sua participação é voluntária e pode interromper ou desistir da entrevista a qualquer momento. Confirma e compreende estas condições, e que aceita participar?

Entrevistada: Sim, confirmo e aceito.

Entrevistadora: Muito obrigada. Vamos então começar. Que papel é que considera que a rádio desempenha na vida dos marienses, e também para os emigrantes?

Entrevistada: Eu acho que a rádio, e neste caso a Rádio Asas do Atlântico, tem um papel muito importante. Primeiro, porque é uma das rádios mais antigas, não só do país como também da região, e a única de ilha. É uma rádio de proximidade, que é aquilo que tem de ser numa rádio local. Uma rádio de proximidade quase que presta um serviço público. Todos os dias nos dá informações do que se passa à nossa volta, para estarmos bem informados do nosso meio envolvente da nossa comunidade.

Estas rádios locais, estas rádios de proximidade, continuam - obviamente que se têm que reinventar - a estar ao lado daquilo que as pessoas querem no seu dia-a-dia, por exemplo, na Rádio Asas do Atlântico temos o peixe do dia, os pratos do dia dos vários restaurantes, que também angariam publicidade, mas ao mesmo tempo, geram serviço útil como a divulgação dos cortes da água, de luz, as interrupções de trânsito e a parte dos eventos.

Também aqueles que por cá decidem ficar a viver e que são do exterior, mas que também desenvolvem algumas ações e que é interessante partilhá-las com toda a comunidade. E por outro lado, procurar estes marienses que estão espalhados pelo mundo - e aqui se calhar tocar na diáspora. A Rádio Asas do Atlântico tem 77 anos, e, portanto, tem uma importância histórica associada também a toda a questão do Aeroporto Internacional de Santa Maria, que foi uma verdadeira porta de entrada, mas sobretudo de saída. E aqui, quando falamos na emigração dos Açores e desta diáspora que existe, ela existe porque passou por Santa Maria, por este aeroporto Internacional, para a sua saída. Logo, o conhecimento não profundo da ilha, mas o facto de saberem que existe Santa Maria e a Rádio Asas do Atlântico foi um ponto muito importante de ligação entre estas pessoas que estavam no exterior e os Açores.

Na altura, a rádio tinha um papel não só local, mas mais até regional, e conseguia fazer chegar informações não só aos marienses, mas também aqui aos açorianos, não só através do FM, mas também através da onda média, era isso que nos permitia chegar naquela fase mais longe e ter esta importância a nível regional.

Eu acho que hoje em dia continuamos a ser vistos como uma rádio muito importante no contexto regional, apesar de termos o nosso estatuto de rádio local da ilha de Santa Maria, que consegue chegar também um bocadinho à costa sul de São Miguel e também sabemos que temos estes ouvintes nesta costa, principalmente por causa de um dos nossos programas que vem a ser o programa mais antigo também de rádio nos Açores, que é o *Bom Dia Açores*, e porque é um programa com participações, e muitas das participações nós sabemos que são de pessoas de São Miguel.

Resumindo, a Rádio Asas do Atlântico tem uma importância cultural, histórica e social, não só para os marienses, não só para esta diáspora, mas também a nível regional.

Entrevistadora: Acha que o programa *Bom dia Açores* tem contribuído para manter vivas as tradições e a cultura mariense nos Açores, e também lá para fora?

Entrevistada: O *Bom dia Açores* é um programa que conta com mais de 50 anos e, portanto, por eles já passaram muitos artistas, muitas pessoas da comunidade e fora dela. Eu acho que tem sido de facto um ponto e um elo entre quem está lá fora e quem está cá dentro. Mesmo internamente, acaba por ser também uma grande ligação.

O *Bom Dia, Açores* é um é um programa de participação, ou seja, há uma parte ativa em que as pessoas podem participar no próprio programa e, com isso, sentem-se parte dele também. É por isso que ele continua, porque as pessoas gostam não só que a rádio seja a sua companhia e a sua fonte de informação, mas gostam também de fazer parte dela. Quando permitimos abrir a via de um microfone com telefonemas, e as pessoas mandam uns beijinhos para a sua terra, para os seus locais, e ao mesmo tempo estão a ouvir a música do seu sítio, estamos a promover as tradições e a parte mais genuína e etnográfica. Isso é algo que programas como este continuam a fazer todo sentido para estabelecer esta ligação entre a diáspora e o local, e neste caso os Açores.

Entrevistadora: Acha que a rádio cumpre aqui uma função de serviço público?

Entrevistada: A Rádio Asas do Atlântico - apesar de ter o seu estatuto de rádio privada -, sendo a única rádio de um sítio de uma baixa densidade demográfica, de uma zona ultraperiférica, tem todo esse lado de prestar quase um serviço público. É a primeira via, a primeira voz, o primeiro contacto que as pessoas têm no local. Se continuarem ligadas e se sentirem próximas dessa estação - por lhes participar e por lhes dar as informações do dia a dia -, se as pessoas sentirem que rádio é isso, vão continuar ligadas e vão saber estas informações.

Seguramente terá um grande papel no futuro, apesar de todas as alterações que vamos assistindo com o digital, com o podcast, de ouvir *on demand*. Apesar disso, eu acho que uma rádio local como a Rádio Asas do Atlântico tem este poder de ser também uma rádio de serviço público.

Entrevistadora: Como é que a Rádio Asas do Atlântico procura promover a cultura mariense e, enquanto direção, como podem também preservar esta genuinidade, e esta marca de ser “mariense” e “açoriano”?

Entrevistada: Podemos olhar para esta questão em várias perspetivas. Uma é através da publicidade e da criação de uma relação próxima com o nosso tecido empresarial, que, apesar de fraco devido às especificidades da ilha, mantém-se ativo. Esta relação faz com que as pessoas que queiram publicitar aquilo que fazem, os seus serviços, ações e atividades, e procurem a rádio. Assim, não só a rádio ganha através da publicidade, mas a própria publicidade também contribui para manter a identidade, porque, se for sobre o que acontece na própria ilha, estamos a promover o que cá se faz.

Por outro lado, em termos de programação, nos vários programas - sejam dedicados à diáspora, a um público específico de programas de autor, ou a um público mais familiar ou infantil - todos, de alguma forma, mostram o que vamos fazendo. Pode ser a nível musical, com artistas locais, ou noutras áreas, como o artesanato. Estamos também a dar voz a essas pessoas.

A programação é feita não só pelas radialistas em continuidade, que têm muito este papel de dar voz aos nossos artistas, mas também por colaboradores que querem fazer parte da rádio e contribuir com temáticas específicas. Temos programas sobre questões ambientais, música experimental, temas filosóficos... todos válidos e que acrescentam à programação e à promoção do que somos nos Açores.

Gostava de destacar algo que nos pareceu muito interessante a nível diretivo: abrimos a rádio com uma *Open Call* de vozes, “Venha dar a sua voz”. Não sabíamos o que ia acontecer e pensámos que apareceriam três pessoas; apareceram mais de 20, todas amadoras. Quase todas estas vozes foram utilizadas.

O que é que isto permite? Que as pessoas entrem no estúdio, conheçam a equipa, tenham um mínimo de formação para encarar um microfone e, acima de tudo, que tenham vontade de estar lá e de fazer parte. Ao terem a sua voz na antena, não só aquela pessoa vai querer ouvir-se, como também o filho, a tia, a mãe, os amigos... Todos identificam aquelas vozes, que não são profissionais e não vêm de um banco de vozes “perfeitas”. Não é isso que queremos. Essas vozes são bonitas por serem genuínas e da comunidade. São elas que acrescentam à emissão esta proximidade e este sentimento de que a rádio é de todos. Com isto, promovemos a nossa cultura não só internamente, mas também externamente, reforçando o orgulho que temos em nós, em ouvir-nos e na história da Rádio Asas do Atlântico.

Entrevistadora: Qual é a visão atual da direção sobre a importância do *Bom Dia, Açores*? Vocês têm algum plano relativamente à continuidade deste programa, tendo em conta também a importância que ele acaba por ter durante estes 50 anos?

Entrevistada: Nunca estive em cima da mesa, enquanto responsável da Rádio Asas do Atlântico, terminar com o programa, nem sequer reestruturá-lo radicalmente. Obviamente, convém perceber que tipo de ouvinte o programa tem e que reestruturação pode ser pensada. Vamos introduzindo alterações à grelha de programas de forma gradual, mas o *Bom Dia, Açores*, pela capacidade agregadora que tem tido - de ouvintes, conteúdos e energia - deve ser visto como algo com futuro e continuidade.

Aliás, até o podemos promover como uma ponte para a diáspora, que muitas vezes não é tão pensada por falta de recursos. Primeiro, temos de pensar na casa e no local, mas recentemente participámos num encontro de órgãos de comunicação social privados dos Açores na América do Norte e no Canadá. Tivemos a oportunidade de conhecer muitas das nossas rádios congéneres, bem como jornais e televisões, e ficou o compromisso de estabelecermos algumas pontes em termos de conteúdo e promoção da língua portuguesa.

Não se trata apenas de promover a língua portuguesa, mas também os nossos artistas. Sabemos que há uma nova geração, filhos de emigrantes, que muitas vezes não falam português, mas gostam de cá vir, gostam dos Açores e conhecem as tradições. A língua acaba por ser uma barreira, e surgiu a ideia de criar conteúdos em inglês, não na nossa rádio, mas nas rádios no Canadá, com o nosso apoio, sobre canções portuguesas. Assim, a música portuguesa seria ouvida, mas precedida de uma explicação na língua materna destas pessoas, para passar melhor a mensagem.

Isto ficou como um compromisso para ver nos próximos meses como concretizar. Por exemplo, acho que o *Bom Dia, Açores* tem sido preponderante, sobretudo na parte das tradições e de as levar mais longe. Enquanto responsável pela rádio, tenho o compromisso de o fazer crescer. São 50 anos, é o programa mais antigo dos Açores, e temos de ter orgulho nele e pensar em como o levar mais longe, sim, fazendo essa reestruturação e esse pensamento conjunto, ouvindo quem nos ouve e chegando mais longe.

Entrevistadora: E até acaba por ser um desafio em que a rádio tem de se aliar a outras pessoas, outras organizações e instituições para poder manter-se, quer ao nível da programação, quer de financiamento. De que forma é que a Rádio Asas do Atlântico consegue subsistir atualmente, sobretudo com o desafio existe hoje no associativismo.

Entrevistada: A Rádio Asas do Atlântico pertence a um clube, uma associação local sem fins lucrativos. Por isso, são poucos os lucros desta atividade. O clube tem também outras valências: desportivas, recreativas e culturais, o que torna complicado, até em termos de recursos humanos, contratar mais pessoas para enriquecer e profissionalizar a emissão. Não temos essa capacidade.

Aqui deixo um agradecimento a todas as pessoas que são colaboradoras há muitos anos e que fazem com que esta rádio, durante 77 anos, tenha continuado. Isso deve-se muito a um espírito comunitário: somos uma comunidade que trabalha junta para fazer acontecer. É quase como uma rádio da comunidade, feita pela comunidade, que em termos profissionais conta com duas ou três pessoas para funcionar.

Entrevistadora: E que fazem pelo mesmo objetivo, uma comunhão por querer agir pela sua terra, pelos marienses.

Entrevistada: ... e de querer sempre fazer melhor! E ainda bem que dizes isso, porque não tem a ver com uma questão de egos. Muitas vezes, nestas áreas de comunicação e cultura artística, trabalhamos com o ego de quem produz. Aqui, não que não possa existir, mas o ego maior é o ego da comunidade: fazer valer a comunidade, garantir que ela tem voz, que em conjunto possa construir e desenvolver-se. A rádio tem sido fundamental nisso.

Quando comparamos tecnicamente e em termos de recursos humanos com outras rádios, esta continua a ser uma das nossas lacunas e um dos nossos grandes desafios. Por isso, a rádio só consegue manter-se não só por este espírito colaborativo e pelo apoio do tecido empresarial local - que, apesar de pequeno, está connosco -, mas também por um sentido comunitário. Muitas vezes, um empresário não precisa de publicidade na Rádio Asas do Atlântico para fazer valer a sua atividade, mas mantém-na porque quer apoiar a rádio.

O mesmo acontece com o apoio governamental. Ao longo dos anos, havia o programa PROMÉDIA, que em 2025 passou a chamar-se “Programa SIM”. Candidatamo-nos anualmente a vários fundos, como o de desenvolvimento digital e infraestruturas, que nos permitiu, de 2023 para 2024, remodelar totalmente os estúdios - algo que não acontecia há mais de 30 anos. Foi um investimento superior a 50 mil euros, com fundos do Governo Regional, fundos próprios, apoio do município e de empresas parceiras.

Além disso, o programa também financia formação de recursos humanos, o que é importante para valorização profissional. Fazemos formações anuais com as funcionárias e, sempre que possível, estendemos aos colaboradores. Também há apoio para custos diários, como licenças e energia, com majoração pelo facto de estarmos numa região ultraperiférica.

Anualmente conseguimos valores que rondam os 50 mil euros, chegando por vezes a 70 mil. No entanto, muitas vezes não conseguimos executar parte dos apoios, especialmente os ligados ao desenvolvimento digital, porque é necessário avançar com o dinheiro antes e só depois sermos reembolsados, e uma associação sem fins lucrativos não tem um fundo de caixa de 50 mil euros.

No caso da remodelação dos estúdios, era essencial, tanto por questões técnicas como para modernizar o espaço e atrair mais pessoas à rádio. Ainda nos falta, por exemplo, ter um *website* funcional, com todos os conteúdos disponíveis em *podcast* e *on demand*. São desafios que exigem não só recursos humanos, mas também financeiros, e capacidade para executar.

O Município de Vila do Porto também é um parceiro fundamental, principalmente ao nível da publicidade institucional e da divulgação de informações de serviço público. Em casos de proteção civil, a rádio é a principal via de comunicação. Há ainda parcerias que não geram retorno financeiro direto, mas que reforçam a proximidade entre as entidades e a comunidade, o que para nós é muito importante.

Entrevistadora: Para a Helena, enquanto Diretora de Rádio, também deve ter os seus desafios para conseguir ter estes apoios. Portanto, tem de ter esta proximidade institucional para conseguir que rádio que sobreviva, não é?

Entrevistada: Temos de estar em constante proximidade com todos os nossos *stakeholders*, e eles são muitos, porque a rádio trabalha com toda a gente. Trabalhamos com associações sem fins lucrativos, procurando parcerias que sejam *win-win* para ambas as partes. Trabalhamos com o Governo Regional dos Açores, que precisa de nos apoiar se quer manter uma democracia com pluralidade. O município de Vila do Porto também é fundamental, especialmente nas questões de proteção civil e serviço público.

Temos de manter esta proximidade não só com instituições e empresas da ilha, mas também perceber que outras parcerias podemos estabelecer na ilha mais próxima, através de São Miguel.

Este trabalho não se resume a preencher um formulário e clicar em “enviar”. Implica presença, proximidade, disponibilidade, e outra coisa: amor, gostar daquilo que fazemos. Uma coisa é falar de rádios nacionais, com empresas e tecidos económicos fortes à volta, que lucram com publicidade. Outra coisa são estas rádios em regiões de baixa densidade demográfica e ultraperiféricas, que fazem parte do sítio e são comunitárias.

Ou queremos estar na comunidade, trabalhar com ela e por ela, ou não. Para isso, é preciso querer, ter disponibilidade, gostar do setor e, mais do que isso, gostar de ver o desenvolvimento destes lugares. Sabemos que é mais desafiante e complicado pela condição geográfica, mas é aí que está a nossa autenticidade e diferença. A partir disso, temos de fazer valer a rádio e garantir que ela perdura muitos anos.

Entrevistadora: Este “amor” acaba por ser evidente para quem constrói ou faz parte de uma associação. É só o “amor à camisola” que mantém uma rádio local?

Entrevistada: Todas as relações têm problemas e oportunidades, e é preciso trabalhá-las. Há uma frase que ouvi em tempos e gosto de reproduzir, não só para a minha vida pessoal, mas para todos os projetos: amar mais vezes o mesmo, os mesmos lugares, as mesmas pessoas. E, neste caso, amar mais vezes os mesmos projetos.

Para amar é preciso estar, fazer, querer e saber que hoje podemos estar bem nesse amor, mas amanhã talvez mais cabisbaixos. Há dias melhores e piores. Uma associação sem fins lucrativos - e em Santa Maria temos muitas - demonstra o amor que os marienses têm pela sua terra. Isso acontece através destas associações, sabendo que é difícil criar um setor privado robusto numa realidade como a nossa. Não é impossível, mas não é o objetivo. O objetivo não é fazer lucro, é construir e desenvolver a comunidade.

Sabendo que somos pouco mais de 5 mil pessoas, se não trabalharmos em conjunto, não conseguimos avançar. O desafio para o clube atualmente é olhar para todas as suas valências e não colocar nenhuma em detrimento das outras. Há sempre a tentação, consoante as ambições de quem está nos cargos de chefia, mas é preciso fazer com que todas possam valer, ou encontrar quem as possa valorizar.

Às vezes, não conseguimos chegar a todos os níveis de intervenção que o Clube Asas do Atlântico tem. Desde provas desportivas de grande envergadura, uma zona de lazer aberta ao público todos os dias, eventos culturais abertos à comunidade, e a rádio. Por isso, é preciso encontrar pessoas chave para estarem à frente de cada uma dessas áreas e fazê-las desenvolver-se e reinventar-se. E, primeiro que tudo, é preciso gostar do que se faz. Para sermos o pilar de alguma coisa, temos de gostar dessa coisa.

No caso da rádio, eu gosto muito. Enquanto estiver neste cargo, serei um pilar que deposita amor - que é um dos primeiros elementos - e depois dedicação, esforço e proximidade com as entidades, como referiste há pouco. Queremos que estejam connosco, porque precisamos delas, e elas também vão precisar de nós. É preciso muito trabalho e esforço, mas é isso que sustenta o pilar para fazer as coisas acontecerem.

Entrevistadora: Alguma coisa que queira acrescentar?

Entrevistada: Julgo que não.

Entrevistadora: Muito obrigada, Helena!

[Fim da transcrição]

Anexo E2 – Transcrição da entrevista com Lucélia Lopes

Data: 11 de agosto de 2025

Local: Rádio Asas do Atlântico, Vila do Porto, ilha de Santa Maria, Açores

Formato: Presencial

Duração: 27:30 minutos

Entrevistadora: Sara Valente

Entrevistadora: Antes de começarmos a entrevista, gostaria de agradecer a sua disponibilidade e informar que esta conversa será usada para fins académicos, no âmbito da minha dissertação *Rádio local, participação e identidade da diáspora açoriana*, para o Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, pelo ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. A entrevista será gravada apenas para posterior transcrição, de modo a facilitar a análise. Alguns excertos poderão ser utilizados no texto final da dissertação. A sua participação é voluntária, podendo interromper ou desistir a qualquer momento. Confirma que compreende estas condições e que aceita participar?

Entrevistada: Confirmo e aceito participar com todo o gosto.

Entrevistadora: Muito obrigada. Queria começar por pedir à Lucélia que me conte a sua história com a Rádio Asas do Atlântico.

Entrevistada: Faço 25 anos de casa. Comecei com 18 anos, quando estava a terminar o secundário. Entretanto surgiu o concurso para a Rádio Asas do Atlântico. Era uma área que nunca me tinha chamado à atenção, mas uma das minhas irmãs inscreveu-me, e eu acabei por vir prestar provas um pouco contrariada. Tive a sorte de ficar. Ainda cá estou e tem sido um percurso muito bom, de grande aprendizagem. Sempre acreditei que nunca sabemos tudo, e por isso vamos sempre aprendendo. É certo que a experiência ajuda muito, mas na rádio, principalmente quando lidamos com o ouvinte diariamente, cada emissão é diferente: todos os dias há novas emoções, desde a tristeza à alegria, até à saudade, que caracteriza muito os nossos emigrantes. Tem sido, de facto, uma viagem muito interessante.

Não sei se conseguirei fazer mais 25 anos de casa, mas gosto muito de comunicar e sinto que estou na profissão certa, o que é o mais importante quando fazemos o que gostamos.

Entrevistadora: Isso certamente teve muito peso quando entrou para o *Bom Dia, Açores*. Como é que surgiu?

Entrevistada: Entrei para a Rádio Asas do Atlântico para ocupar outros horários e não o da manhã, que é o mais ouvido. Este horário era feito pelo meu colega António Valente. Trabalhei com ele 14 anos, até ao seu problema oncológico, que o obrigou a sair. Durante um ano fiquei a conduzir o programa, na expectativa de que ele recuperasse e regressasse. Infelizmente não aconteceu e ele acabou por falecer. Fiquei então com a responsabilidade do *Bom Dia, Açores*.

Foi uma experiência completamente diferente, porque até então não fazia programas com ouvintes em direto. Não tinha noção da quantidade de pessoas que me ouviam nem do impacto que tínhamos. Antes fazia um programa mais jovem, com tops musicais e rubricas, mas o *Bom Dia, Açores* é um programa pensado para o ouvinte. É uma característica das rádios locais, a proximidade. Aqui toda a gente se conhece. Foi a partir daí que percebi o impacto que temos na vida das pessoas.

Os ouvintes são de várias gerações, mas há muitas donas de casa, pedreiros das obras, viúvas... Muitas vezes tornamo-nos um pouco psicólogos. Dou um exemplo: uma senhora ligou a avisar que tinha uma consulta e que não conseguiria participar. Dois dias depois voltou a ligar e eu perguntei: “Como correu a sua consulta?”. Criam-se relações de amizade e até de família. Essa ligação é importante para eles, mas também para nós.

Entrevistadora: E tudo isto em direto, certo?

Entrevistada: Sim, tudo em direto, sem nunca ser invasiva. Às vezes as pessoas abrem o coração e contam muito da vida pessoal, e eu brinco dizendo “menos”, porque não é esse o objetivo da emissão. Mas isso mostra a importância que a rádio tem, tanto para os que vivem cá como para os emigrantes. Muitos emigrantes acompanham-nos em direto, apesar da diferença horária de 4, 5 ou 6 horas. Mandam mensagens, ligam, e isso mostra a falta que sentem de Santa Maria, mesmo estando longe.

Entrevistadora: Como caracteriza esta relação com os ouvintes, sobretudo os que estão fora? Que feedback recebe?

Entrevistada: Sempre ouvi dizer que não devemos misturar emoções na profissão, mas não concordo. Se não colocar emoção no que faço, não estarei a ser eu própria. A Lucélia que abre o microfone é a mesma fora da rádio. Tenho dias melhores e piores, mas mantenho a proximidade. Chego a receber mensagens ao fim de semana de ouvintes ansiosos por me ouvir na segunda-feira. Isso acontece muito com os de São Miguel, que vêm muitas vezes conhecer-nos. Também recebemos emigrantes no verão, que fazem questão de visitar a rádio. No geral, a relação é muito próxima e positiva.

Entrevistadora: Como organiza o programa antes de começar?

Entrevistada: O programa constrói-se muito em função das conversas que acontecem. Se surge um tema, esse pode dominar a emissão. Mas não temos apenas música. Há também uma agenda informativa: tempo, marés, horários das transportadoras, pratos do dia nos restaurantes. O meu dia começa às 7h, para preparar conteúdos. Além disso, fazemos ligação com a redação de informação, com os títulos dos jornais. Também exploramos efemérides, acontecimentos, recebemos convidados em estúdio. É um programa muito ligado à vida da ilha.

Entrevistadora: Apesar de ser muito participativo, o programa tem também uma grande componente informativa. O *Bom Dia, Açores* faz serviço público?

Entrevistada: Sim (risos). Muitas pessoas esperam pelo programa para saber o prato do dia, o peixe da peixaria, os horários do barco ou do avião. Para além disso, divulgamos concertos, exposições, e outros eventos culturais. É um complemento informativo que cumpre claramente uma função de serviço público.

Entrevistadora: Tem autonomia para gerir os conteúdos?

Entrevistada: Sim, total. Claro que sempre em coordenação com a direção, mas tenho liberdade para convidar quem considerar relevante e abordar os temas que considero importantes para a ilha.

Entrevistadora: O *Bom Dia, Açores* faz 50 anos. Como vê esta longevidade e a adaptação ao longo do tempo?

Entrevistada: Assistimos a muitas mudanças. Antes só havia telefone, na altura do António Valente até cartas recebíamos. Depois vieram os CDs, mp3, minidiscos... Hoje temos redes sociais, que permitem associar uma cara a uma voz. Pode retirar alguma magia, mas é a evolução natural. Também os estúdios foram modernizados, tudo é digital.

Entrevistadora: Que papel tem a Rádio Asas do Atlântico para a comunidade local e para os emigrantes?

Entrevistada: É fundamental. Não é por acaso que é chamada “A Voz de Santa Maria”. A rádio faz companhia, informa e mantém os emigrantes ligados à ilha. Muitos dizem-me no verão: “Quero saber o que se passa em Santa Maria”. Querem acompanhar tanto a vida cultural como a política.

Entrevistadora: Os emigrantes demonstram essa ligação emocional quando falam na rádio?

Entrevistada: Sim, muitos emocionam-se e choram. Recordam músicas e momentos vividos na ilha. A rádio aproxima-os. Recordo um convívio mariense nos Estados Unidos em que fui convidada. Havia mais de 500 pessoas, e muitas diziam: “Não me conhece, mas ouço-a todos os dias”. Isso mostra o quanto se sentem ligados à terra através da rádio.

Entrevistadora: Que papel ou missão tem o locutor nesse processo?

Entrevistada: É preciso ser autêntico. Temos de perceber quem nos ouve. O *Bom Dia, Açores* é um programa popular, com música tradicional ou até de estilo pimba, mas é o que as pessoas querem ouvir. Às vezes até uso expressões marienses, e isso também é identidade. Muitas pessoas vivem sozinhas, sem família por perto, e a rádio é companhia.

Quando volto de férias, dizem que tinham saudades e precisavam de conversar. Esse carinho dá-nos energia. Mesmo em dias difíceis, a força que os ouvintes transmitem ajuda-nos. Já conseguimos até mobilizar ajuda para famílias em dificuldades, como arranjar casa ou apoiar vítimas de tragédias. Isso mostra que a nossa missão vai além do entretenimento.

Entrevistadora: Quer desenvolver mais algum exemplo?

Entrevistada: Lembro-me de uma família em São Miguel com uma casa muito degradada. Lançámos um apelo no programa e, semanas depois, as entidades competentes arranjaram-lhes uma nova habitação. Também já participámos em campanhas de angariação de fundos em situações trágicas. A minha avó dizia: “ajudar o próximo sem esperar nada em troca”. É isso que fazemos todos os dias.

Entrevistadora: Que futuro vê para o *Bom Dia, Açores*?

Entrevistada: Está de boa saúde. Claro que as novas gerações têm outros hábitos, mas também muitos jovens ouvem o programa. Por isso, acredito no futuro.

Entrevistadora: Lucélia, há algo mais que queira acrescentar?

Entrevistada: Apenas reforçar a importância da rádio de proximidade, sobretudo para os emigrantes, pois minimiza a saudade e aproxima-os da sua terra. Ficávamos aqui o resto da tarde... Beijinho, Sara.

Entrevistadora: Muito obrigada, beijinho Lucélia.

[Fim da transcrição]

Anexo E3 – Transcrição da entrevista com Paulo Magalhães

Data: 11 de agosto de 2025

Local: Vila do Porto, ilha de Santa Maria, Açores

Formato: Presencial

Duração: 33 minutos

Entrevistadora: Sara Valente

Entrevistadora: Antes de começarmos a entrevista, gostaria de agradecer a sua disponibilidade e informar que esta conversa vai ser usada para fins académicos no âmbito da minha dissertação: *Rádio local, participação e identidade da diáspora açoriana*, para o Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação, pelo ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa. A entrevista será gravada apenas para posterior transcrição, de modo a facilitar a análise. Alguns certos da entrevista podem ser utilizados no texto final da dissertação. A sua participação é voluntária e pode interromper ou desistir da entrevista a qualquer momento. Confirma que compreende estas condições, e aceita participar?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: De que forma é que o Paulo colabora com a Rádio Asas do Atlântico?

Entrevistado: Colaboro com a Rádio Asas do Atlântico desde os 14 anos, por convite do saudoso António Valente, que me desafiou a fazer rádio. Sempre tive esse “bichinho”. Em criança, fazia as minhas próprias emissões com um gravador de cassetes, usando músicas da rádio, e depois ouvia os programas que gravava.

Quando o António me convidou, aceitei de imediato e aprendi muito com ele: desde a dicção à forma de interagir com os ouvintes e seleccionar música. Foi um grande homem da rádio, uma voz que toda a gente conhecia.

O Asas do Atlântico sempre precisou de colaboradores, e eu acreditava que a ilha e as suas instituições precisavam de vozes ativas. Achei que tinha jeito e aceitei. Nessa altura, lembro-me de abrir a estação ainda em onda média, recebendo chamadas de Angola e Moçambique, porque esse sinal chegava longe. Mais tarde veio o FM e, depois, as rádios digitais e online, que permitem hoje ao Asas ser ouvido em todo o mundo.

Entrevistadora: E atualmente, como é que colabora? Tem a sua programação?

Entrevistado: Atualmente tenho um programa todas as quartas-feiras, em conjunto com dois colegas: a Sandra Chaves e o Paulo Renato, um funcionário da rádio e outra colaboradora voluntária. Chamamos-lhe “Entre Amigos”, dura duas horas e é dedicado ao entretenimento e à ligação com os ouvintes. Na segunda hora, as pessoas ligam para pedir músicas e dedicatórias, criando um momento de ligação entre amigos e familiares. Este formato lembra-me um programa antigo do António Valente. Na altura, os ouvintes associavam-se ao programa, pagavam uma quota e tinham direito a pedir duas músicas por semana. Como não havia telefones, enviavam cartões-postais pelos CTT com as dedicatórias. Depois, tínhamos de ir buscar os discos, LPs e singles a uma grande discoteca, tudo organizado de A a Z, e devolvê-los no final.

Hoje, o formato é diferente, mas mantém-se o objetivo de ligação. Graças à internet, recebemos muitos contactos dos Estados Unidos, como o de uma ouvinte de Boston que conduz um camião e está sempre a ouvir o Asas. Estes momentos ajudam a matar saudades e aproximam a comunidade, provando que, ao contrário do que se dizia, a rádio não perdeu força com a televisão, pelo contrário, continua a ser um elo afetivo, com a voz do locutor a levar companhia, conselhos e carinho a quem está sozinho.

Entrevistadora: Qual é o contacto que o Paulo tem com estes emigrantes?

Entrevistado: Fui desafiado há alguns anos a ir aos Estados Unidos como mestre de cerimónias em convívios que reuniam cerca de 800 mil marienses num salão. Vinham de várias partes dos Estados Unidos e até do Canadá para participar. Nessas viagens, ia sempre acompanhado por um grupo musical mariense, um rancho folclórico e um grupo de violas. Eles tinham uma enorme saudade. Era como se pegassem na ilha ao colo, como se a ilha estivesse fisicamente presente.

Depois, fui convidado pela Rádio Asas do Atlântico a manter essa ligação e acabei por criar também um canal no YouTube, onde faço gravações de tudo o que acontece na nossa ilha. Para os emigrantes, isso foi a “cereja no topo do bolo”. É curioso que muitas pessoas vêm falar comigo e eu não as conheço, mas elas sabem quem eu sou, e agradecem pela ligação que mantenho com a diáspora.

Há pouco tempo, uma pessoa de Hudson ligou-me para agradecer um trabalho que tinha feito. Eu tinha transmitido uma missa de uma igreja onde ela tinha sido casada e onde também batizou os filhos. Essa senhora, que está paralisada numa cadeira de rodas e não vem à ilha há anos, disse que aquela transmissão foi a única forma de “estar” novamente na sua igreja. Só por isso, já vale a pena todo o trabalho que se faz para a diáspora, quer nas redes sociais, quer na rádio.

Quando falamos para a diáspora, é a ilha que está a falar com eles, e eles sentem isso. Os emigrantes da Ilha de Santa Maria gostam de ouvir a estação local porque é como se estivessem na sua terra, junto da voz do locutor que fala de uma freguesia específica, seja Almagreira, Santo Espírito ou qualquer outra das cinco freguesias da ilha. Eventos como a Maré de Agosto, as Festas de 15 de agosto ou o Império de Malbusca fazem com que o ouvinte, mesmo longe, diga: “Isto é a minha terra, isto é a minha casa”. É como se a casa estivesse junto a eles, e é por isso que a comunicação tem tanta força. A voz do locutor é sempre uma presença fundamental na vida de todos, mas ainda mais na do emigrante.

Muitos partiram em busca de uma vida melhor para si e para os filhos. Costumo perguntar a muitos deles: “Se fosse hoje, voltariam a emigrar?”. Alguns respondem que sim, outros dizem que não, porque reconhecem a qualidade de vida que temos hoje: tranquilidade, paz e sossego. Muitos regressam para passar aqui os últimos anos de vida, depois de criarem os filhos e de estes ficarem no estrangeiro.

O emigrante é, para mim, um coração partido, como a nossa Viola da Terra, de “Dois Corações”: um que parte e outro que fica. Quando regressam, já falta sempre alguém na família, já há lugares vazios à mesa, e isso são perdas que ficam.

Outro aspeto que me deixa muito contente é a forte ligação que a segunda geração de emigrantes está a criar com a terra. Pensaríamos que, por terem crescido lá fora, não sentiriam esta ligação, mas a verdade é que vejo muitos jovens, filhos de emigrantes, a participar ativamente nas tradições da ilha. Há pouco tempo, durante uma cobertura no Lugar da Maia, fiquei feliz ao ver jovens que nunca tinham vindo cá a dançar o folclore, o Baile Furado, e a envolver-se nas nossas tradições.

Dou também os parabéns a todas as famílias que insistem em falar português com os filhos. Muitos dizem: “Em casa falamos português”. Lá fora, na vida social, usam o inglês, mas à mesa mantêm a língua materna. Isso dá-me orgulho, porque significa que a identidade e a cultura permanecem vivas.

A força da emigração e a saudade que têm da terra fazem com que me procurem. Não é para alimentar o meu ego, mas sinto-me feliz por ter essa influência positiva. Sempre tive o “bichinho” de colaborar com a minha terra e acredito que há coisas que não têm valor monetário. O dinheiro não vai connosco quando partimos. Por isso, se podermos colaborar com a nossa terra e contribuir para o seu desenvolvimento, mesmo sem receber nada em troca, é assim que as instituições conseguem seguir em frente. E mesmo que isso nos roube tempo da vida pessoal, esse tempo transforma-se em algo valioso, porque nos orgulhamos do que fazemos pela nossa comunidade.

Entrevistadora: Ou seja, sente que quer a Rádio Asas do Atlântico, quer o Paulo, acabam por fazer um serviço público aqui à comunidade, e também à diáspora...

Entrevistado: A diáspora precisa dessa voz. Não falo apenas da minha, nem da de outro colega específico, mas da voz coletiva que representa a terra. Sempre que abrimos o microfone e falamos, é a voz da ilha que chega até eles. Claro que cada ouvinte acaba por criar uma ligação especial com o locutor A, B ou C, mas, no fundo, é quem está no ar que transmite a mensagem.

Posso partilhar também um novo projeto em que estou envolvido, com rádios que transmitem em Boston e na Califórnia. Gravo as emissões aqui, com o que acontece na nossa terra... a nossa música, a nossa cultura, e envio para lá. Tem sido um sucesso de audiências nessas comunidades, sobretudo nas áreas onde há marienses, porque assim conseguem ouvir falar de Santa Maria mesmo estando longe. Como não podem sintonizar diretamente o Asas, aguardam o momento em que o programa vai para o ar na rádio local deles.

Este trabalho é todo preparado com atenção às diferenças horárias. Por exemplo, para a Califórnia seria complicado fazer emissões em direto, pois são sete horas de diferença. Mas hoje, graças a plataformas como o WeTransfer, é fácil: gravo, envio e eles transmitem à hora certa.

Entrevistadora: E Paulo, para além da Rádio Asas do Atlântico e o seu canal de YouTube, qual o nome das rádios dos Estados Unidos que trabalha?

Entrevistado: As rádios de que estava a falar são a Rádio Portugal USA, a Rádio Lusolândia e a Rádio Portugal Boston. Montei um estúdio na minha própria casa, com investimento pessoal, porque este trabalho realiza-me. Prefiro gastar nesse equipamento do que em coisas supérfluas. Costumo dizer que foi para “ligar Santa Maria ao mundo”.

Tal como faço no Asas, vou aos acontecimentos da ilha, entrevisto pessoas e partilho essas entrevistas. Recentemente, entrevistei a Lúcia Sousa, uma cantora emigrante no Canadá que leva a música portuguesa e mariense à diáspora. A entrevista teve uma ótima receção, pois é uma forma de dar voz à rádio.

Uma rádio sem locutor torna-se apenas numa playlist, e hoje, com plataformas como Spotify ou YouTube Music, qualquer pessoa pode ouvir música sem intervenção humana. Mas a presença do locutor é fundamental. Às vezes abrimos o microfone sem ter um guião pré-definido, mas o que dizemos liga-se à música, ao ambiente, à terra. E, muitas vezes, essas palavras chegam exatamente a quem precisava de ouvi-las naquele momento. Isso é rádio.

Também acontece o contrário: o locutor pode sentir-se sozinho e, ao fazer rádio, sente-se acompanhado, porque sabe que há muitas pessoas do outro lado. É um diálogo invisível. Eu próprio desabafo, sem saber quem está a ouvir, mas alguém há de escutar. A música, por sua vez, acaba sempre por dizer aquilo que queremos transmitir.

Entrevistada: E aqui é algo que se consegue numa rádio local, não é? O Paulo tem liberdade para escolher aquilo que o ouvinte quer, e sabe aquilo que o ouvinte gosta...

Entrevistado: Exatamente. Nós somos autónomos: fazemos o programa sem teleprompter, sem guião imposto. Ninguém da direção nos diz que temos de passar esta ou aquela música. Organizamos a emissão, decidimos o alinhamento e passamos o que consideramos adequado para o momento.

Muitas vezes, recebemos chamadas de ouvintes que estão a trabalhar em longas viagens, como camionistas a conduzir entre estados nos EUA. Já me ligaram de Boston, a dizer que ouvem o Asas para não adormecer durante o trajeto. São viagens de muitas horas, e ouvir a rádio da sua terra mantém-nos acordados e ligados à sua origem, algo que a televisão não consegue fazer.

Entrevistada: Começou tão pequenino com este espírito colaborativo, por isso, gostaria de perguntar ao Paulo que reflexão faz sobre esta necessidade de se colaborar em rádios como Rádio Asas do Atlântico, e com a sua terra?

Entrevistado: As coisas só funcionam com pessoas. Cada vez mais as instituições sofrem com falta de financiamento e, se um dia a voz da Rádio Asas do Atlântico se calar, nunca mais voltará a existir a “Voz do Asas”. Se temos orgulho em ter uma rádio na nossa terra, não podemos permitir que ela acabe. Mesmo sem receber nada, acabamos por ganhar tudo. É por isso que considero bem empregue o meu tempo: estou a dar algo à minha terra.

Não quero que a voz do Asas se cale enquanto eu viver, porque Santa Maria precisa dela - é a nossa voz. É cada vez mais difícil encontrar quem assuma responsabilidades nas instituições. Acho que devia haver um estudo profundo sobre estas questões. Trabalhar por amor à camisola é bonito, mas acredito que, se houvesse alguma forma de gratificação, o trabalho voluntário seria mais valorizado. Nas instituições, é frequente vermos sempre as mesmas pessoas a rodar cargos: o presidente passa a tesoureiro, o tesoureiro a secretário, e por aí fora. No Asas é igual: as listas para as eleições são fechadas à última hora, porque alguém precisa de garantir que a rádio não fecha as portas.

Também acredito que ninguém é profeta na sua terra. Não peço para ser valorizado constantemente, mas também não quero ser desprezado. Digo sempre: se se lembram das pessoas, que seja em vida. Depois de mortos, não vale a pena fazer grandes homenagens, bustos ou cerimónias. A melhor homenagem é chegar ao pé de quem colabora e dizer: “Bom trabalho, estás a fazer a diferença”. No Asas, felizmente, tenho tido direções que valorizam o nosso trabalho. Pessoas como a Helena, incansável, ou o António Pincho, que iam ao estúdio para agradecer.

Entrevistadora: O Paulo sente que no fim do dia tem reconhecimento pela sua missão que tem para com a sua terra?

Entrevistado: Às vezes sinto-me cansado, mas feliz, porque fiz com que algo funcionasse, nem que fosse apenas mover uma palha de um lado para o outro. Alguém precisava de fazer e eu fiz. A minha maior satisfação é, ao final do dia, poder dizer que cumpri o meu dever e que fiz o melhor que pude. Erramos, claro, só não erra quem não faz nada.

Muitas vezes, chego a casa a correr, sem tempo para comer, porque às sete tenho de estar no estúdio. Mas, quando fecho a porta do estúdio, é como se deixasse lá fora um saco cheio de problemas. O que quero é levar alegria, boa disposição e fazer com que a rádio seja valorizada. Quero que o nosso trabalho vá ao encontro do que as pessoas precisam de ouvir.

Entrevistadora: Há alguma coisa que queira acrescentar, alguma coisa que ficou por dizer?

Entrevistador: Quero deixar uma mensagem aos mais jovens: que agarrem as causas, que não desistam, que sigam o exemplo dos mais velhos. As coisas só funcionam se dermos de nós próprios a elas. Muitas vezes só damos valor quando as perdemos e, quando isso acontece, já não há volta atrás.

Se um dia a rádio fechar por falta de direção, funcionários ou colaboradores, o alvará será vendido a alguém que nada terá a ver com a nossa ilha e a nossa essência, e todos nós perderemos. Por isso digo: juntem-se, participem. O dinheiro não é tudo - embora seja necessário - porque há coisas com muito mais valor.

A ligação entre a ilha, a rádio e a diáspora é vital. É o elo entre dois corações partidos que precisam de ser unidos, e a rádio é o meio que permite essa união acontecer.

Entrevistadora: Obrigada, Paulo!

[Fim da transcrição]

Anexo E4 – Transcrição da entrevista com António (“Tony”) Cabral

Data: 19 de agosto de 2025

Local: Vila do Porto, ilha de Santa Maria, Açores

Formato: Online - Chamada por Whatsapp

Duração: 14 minutos

Entrevistadora: Sara Valente

Entrevistado: Bom dia, Sara. Está tudo bem?

Entrevistadora: Bom dia, Sr. António. Está tudo, e consigo? De onde é que me liga?

Entrevistado: Moro aqui na área de Boston, em Massachusetts.

Entrevistadora: O senhor acorda muito cedo, são 6 da manhã aí.

Entrevistado: Eu começo a trabalhar às 7. Levo mais ou menos uma hora, hora e meia a chegar ao trabalho. Trabalho na construção: ponho tubos de gás no chão e ligo às casas das pessoas.

Entrevistadora: Muito bem. E, a caminho, ouve sempre rádio?

Entrevistado: Já há muitos anos, desde o tempo do António Valente. Mas não sou só eu, tenho muitos amigos da construção que, na viagem para o trabalho, ligamos sempre na Asas do Atlântico. Trazem Santa Maria e os Açores, mas especialmente Santa Maria, aos nossos carros, camiões e casas. Ajuda a matar saudades da nossa ilha. Estive aí agora de férias, cheguei no domingo.

Entrevistadora: Vamos então começar a entrevista. Posso gravar, certo?

Entrevistado: Pode ser.

Entrevistadora: Antes de começarmos, agradeço a sua disponibilidade e informo que esta conversa será usada para fins académicos, no âmbito da minha dissertação *Rádio local, participação e identidade da diáspora açoriana*, para o Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. A entrevista será gravada apenas para posterior transcrição e análise. Alguns excertos poderão ser utilizados no texto final da dissertação. A sua participação é voluntária e pode interromper ou desistir a qualquer momento. Confirma que compreende estas condições e que aceita participar?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Com que frequência ouve o *Bom Dia, Açores* e através de que meio? Rádio? Internet?

Entrevistado: Oiço na rádio, sim.

Entrevistadora: Tem um rádio que sintoniza a Asas do Atlântico?

Entrevistado: Uso o telemóvel com a aplicação, e por Bluetooth ligo à rádio do meu camião.

Entrevistadora: Ou seja, liga o telemóvel por Bluetooth ao carro e ouve enquanto viaja?

Entrevistado: Exatamente. E em casa também, mas aí através da rádio online.

Entrevistadora: E ouve todos os dias?

Entrevistado: Todos os dias de manhã. Muitas vezes ligo para mandar um abraço aos meus familiares que estão aí: tenho o meu irmão, irmã e grandes amigos, e isso ajuda a matar as saudades.

Entrevistadora: Há quantos anos está em Boston?

Entrevistado: Desde 1982, há cerca de 43 anos. O tempo passa...

Entrevistadora: O que o motiva a ouvir o *Bom Dia, Açores*? É pela ligação à família?

Entrevistado: Sim, é uma ligação familiar e também de amizade com os meus grandes amigos que tenho aí. E também para matar a saudade da nossa ilha de Santa Maria. Nunca se esquece. Vivi aí muitos anos, criei grandes amizades e, para mim, aquela ilha é como o céu. É onde quero descansar.

Entrevistadora: O que sente quando ouve o *Bom Dia, Açores*?

Entrevistado: Sinto que, se fecho os olhos, estou em Santa Maria. O valor está nessa instituição. Conseguimos estar todos os dias em sintonia com a ilha. Falo com a minha prima Sandra Chaves, com a Lucélia e com todos daí.

Entrevistadora: Quando ouve a *Asas do Atlântico*, vêm-lhe memórias da infância, amigos...?

Entrevistado: Sim. Quando éramos miúdos, o meu tio tinha uma rádio na área onde eu morava e, aos domingos de manhã, juntava-nos todos em frente ao balcão da casa dele para ouvirmos. Lembro-me como se fosse hoje, do programa *Entre Amigos* com o António Valente. Adorávamos aquilo.

Por muito que estejamos longe, aquela ilha nunca nos sai da mente. Temos sempre aquela saudade desde a infância até hoje. Nunca se esquece.

Entrevistadora: Costuma ligar para o *Bom Dia, Açores*?

Entrevistado: Sim, ligo. Criei muitas amizades através da rádio. Tenho, por exemplo, um casal amigo de Ponta Garça, em São Miguel, e sempre que ligo para a Lucélia mando um abraço para eles.

Entrevistadora: E consegue entrar no ar?

Entrevistado: Às vezes não, porque muitas vezes estou a conduzir e não posso usar o telefone.

Entrevistadora: Mas deixa uma mensagem?

Entrevistado: Sim, falo com a Lucélia duas ou três vezes por semana, mesmo que não vá para o ar.

Entrevistadora: Sente que, mesmo estando fora da ilha, consegue ser “ouvido” pela rádio?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: E sente que a rádio representa bem o que se passa na ilha?

Entrevistado: Sem dúvida. Até brinco com a Lucélia e digo que “já estou cheio de fome” quando ela começa a anunciar os pratos do dia dos restaurantes. Acho que a equipa faz um excelente trabalho.

Entrevistadora: Também é uma forma de saber o que se passa na ilha através das notícias, certo?

Entrevistado: Sem dúvida. Acompanhamos notícias, festas...

Entrevistadora: Vive perto de alguma comunidade mariense?

Entrevistado: Sim, há uma comunidade portuguesa grande aqui, com pessoal de Santa Maria e São Miguel, principalmente em Hudson. Hudson é a “segunda ilha” de Santa Maria, tem muitos marienses lá. Esses amigos também ouvem o *Bom Dia, Açores* e adoram.

Entrevistadora: E já constituiu família em Boston, certo?

Entrevistado: Sim. Tenho um filho de 40 anos e uma filha de 32. O meu filho é músico profissional e adorava poder tocar em Santa Maria.

Entrevistadora: E em casa falam português?

Entrevistado: Sim, falamos português. Os meus filhos nasceram aqui, mas falam a nossa língua. Nunca devemos deixar de lado a língua de Camões. Tenho muito orgulho nisso. O português tem até ajudado a minha filha. Ela é professora, trabalha com crianças de várias línguas e, quando chegam alunos portugueses que ainda não sabem inglês, é ela quem fala com eles. Também ajuda crianças espanholas, cabo-verdianas e brasileiras.

Entrevistadora: Quer acrescentar algo que não tenha sido falado?

Entrevistado: Acho que disse tudo, mas gostava de reforçar que a rádio me ajudou a criar grandes amigos e ajuda a matar saudades aos emigrantes que estão tão longe. Há muita gente, para além dos Açores, que acompanha a rádio. Muito obrigado por este bocadinho.

Entrevistadora: Obrigada eu, foi um gosto falar consigo.

[Fim da transcrição]

Anexo E5 – Transcrição da entrevista com João (“John”) Santos

Data: 30 de agosto de 2025

Local: Alcabideche, Cascais

Formato: Online - Chamada por Facebook Messenger

Duração: 21 minutos

Entrevistador: Sara Valente

Entrevistado: Boa tarde, Sara! Está em Santa Maria ou em Lisboa?

Entrevistadora: Olá John! Já estou em Lisboa, e o John?

Entrevistado: Boas! Eu ainda estou em Santa Maria, mais uma semana e meia e volto para a Califórnia. Estive quatro meses aqui.

Entrevistadora: Está pronto para conversarmos?

Entrevistado: Vamos!

Entrevistadora: Antes de começarmos, agradeço a sua disponibilidade e informo que esta entrevista será usada para fins académicos, no âmbito da minha dissertação de mestrado no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. A conversa será gravada apenas para posterior transcrição, e alguns excertos poderão ser incluídos no texto final. A participação é voluntária, podendo desistir a qualquer momento. Confirma que aceita?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Muito bem, estou a falar com o John Santos...

Entrevistado: É! Mas aqui chamam-me João, nos Estados Unidos é que me tratam por John (risos).

Entrevistadora: Imagino! O John vive normalmente na Califórnia, certo?

Entrevistado: Sim, mesmo ao lado de São Francisco.

Entrevistadora: Então tem uma grande diferença horária em relação a Santa Maria...

Entrevistado: Sete horas.

Entrevistadora: E ouve todos os dias o *Bom Dia, Açores*?

Entrevistado: Nem sempre. Tenho um negócio de construção e, quando trabalhamos mais tarde, às vezes consigo ouvir. Mas para apanhar o programa tem de ser às duas da manhã na Califórnia, porque são oito da manhã em Santa Maria.

Entrevistadora: Ou seja, o fuso horário nem sempre permite ouvir...

Entrevistado: Pois. Há dias em que usamos máquinas que fazem muito barulho, e não dá. Mas quando estou no carro ou em serviço de escritório à noite, ouço. Gosto muito porque a Lucélia fala do tempo, das notícias... faz-me sentir mais perto de Santa Maria.

Entrevistadora: E fica a saber o que se passa por lá...

Entrevistado: Sim. As notícias, os pratos do dia, o peixe do dia... nós gostamos de ouvir isso. Até as notícias políticas.

Entrevistadora: E a música?

Entrevistado: Também. A Lucélia passa sempre músicas “nossas”, antigas, e não americanas.

Entrevistadora: Como se liga à rádio?

Entrevistado: Sempre online, pelo telemóvel, através da aplicação “Simple Radio”. Lá ouço o Asas e também a Rádio Atlântida de São Miguel.

Entrevistadora: Que bom, ouve outras rádios açorianas também.

Entrevistado: Sim, e há ainda uma rádio em São José, na Califórnia, do senhor Batista Vieira, que dá música portuguesa 24 horas por dia.

Entrevistadora: E sente que é uma forma de estar próximo dos Açores, mesmo longe?

Entrevistado: Sim, estou sempre ligado. Às vezes até adormeço a ouvir o *Bom Dia, Açores*.

Entrevistadora: Tenho reparado que muitos ouvintes mandam beijinhos para si.

Entrevistado: Sim (risos).

Entrevistadora: Mas não consegue ligar em direto. Como se faz ouvir?

Entrevistado: Já tentei ligar algumas vezes, mas é difícil, muitos ligam vinte ou trinta vezes. Então envio mensagens.

Entrevistadora: E a Lucélia lê?

Entrevistado: Sim. Mas ultimamente não tenho mandado, porque o meu irmão faleceu...

Entrevistadora: Lamento imenso.

Entrevistado: Obrigado. Antes disso, falava todas as semanas, mandava cumprimentos, pedia para dizer no ar que estávamos a ouvir.

Entrevistadora: Quando ouve o programa, sente alguma emoção especial?

Entrevistado: Sim. Tenho câmaras em casa na Maia e, todas as manhãs na Califórnia, vejo a Maia pelo telemóvel e oiço a Lucélia. Sinto-me perto.

Entrevistadora: E como é a comunidade lá?

Entrevistado: Onde vivo não há muitos de Santa Maria, há mais da Terceira e São Jorge. Há também um programa feito por amigos meus que fala de Santa Maria. Mas ouço mais o Asas.

Entrevistadora: E ouve há muito tempo o *Bom Dia, Açores*?

Entrevistado: Sim, desde que existe internet. Já lá vão uns aninhos.

Entrevistadora: Sente-se representado no programa?

Entrevistado: Claro. Dá saudades, principalmente quando anunciam pratos que não temos nos restaurantes de lá.

Entrevistadora: E traz-lhe também memórias?

Entrevistado: Sim, ouvir as notícias e o tempo de Santa Maria é como estar aqui.

Entrevistadora: O John fala muito bem português, sem sotaque.

Entrevistado: Nasci e cresci em Santa Maria. O meu pai era da Graciosa, mas fez vida aqui. Fiquei até aos 24 anos.

Entrevistadora: Já faz muitos anos que emigrou...

Entrevistado: Trinta anos.

Entrevistadora: Sempre viveu na Califórnia?

Entrevistado: Sim. Gosto muito, pelo clima e pelas comunidades portuguesas. Mas de Santa Maria há cada vez menos gente, muitos já faleceram e os filhos nem sempre falam português.

Entrevistadora: Tem filhos?

Entrevistado: Sim, quatro. Todos falam português e gostam de vir cá. Desde pequenos sempre os trouxemos, mas agora, já adultos, querem também conhecer o mundo. Eu, pessoalmente, gosto é de estar aqui, perto do mar. Tenho a minha lancha e vou quase todos os dias ao mar.

Entrevistadora: O mar lembra-lhe a casa?

Entrevistado: Sem dúvida (risos).

Entrevistadora: Sendo poucos marienses na diáspora, a rádio acaba por ser uma das poucas formas de ligação, não é?

Entrevistado: Sim. Se não fossem as sete horas de diferença, falava mais vezes com a Lucélia. Mas mesmo assim mando mensagens, e às vezes até ponho despertador para ouvir o programa.

Entrevistadora: Impressionante.

Entrevistado: Sim. Quando o Élio Martins participava, eu ria-me muito. Conheci-o este verão, pela primeira vez, num império em Malbusca.

Entrevistadora: O senhor John ainda não está reformado?

Entrevistado: Ainda não, mas já estou a preparar a passagem do negócio para o meu filho. No futuro, quero passar metade do tempo cá.

Entrevistadora: Quer acrescentar algo mais?

Entrevistado: Só dizer que gosto muito do *Bom Dia, Açores*. Não é só música, é convívio. Quando ouço as conversas e brincadeiras sinto-me perto dos Açores. Só quando emigramos é que damos o verdadeiro valor às ilhas.

Entrevistadora: Concordo. Também reparei que muitos ouvintes, mesmo de São Miguel, mandam beijinhos para si...

Entrevistado: Sim, acho bonito. Nunca falaram comigo pessoalmente, mas percebe-se a sinceridade.

Entrevistadora: E acaba por criar amizades à distância.

Entrevistado: Sim, apenas a falar! Até em férias, no Brasil, eu e a minha mulher continuamos a ouvir o programa.

Levo sempre o rádio comigo, mesmo no trabalho à noite, e até os colegas, que muitos são da América Central, e dois portugueses, gostam da nossa música que passa no *Bom Dia, Açores*.

Entrevistadora: Muito obrigada, John. Um beijinho!

Entrevistado: Beijinhos, Sara, tudo de bom.

[Fim da transcrição]